

# *Papo de Evas,* *por escrito*



Alessandra Zanatta, Carolina Vieceli Azambuja, Lisete Lütz Biazzi

Mariana Lütz Biazzi, Marilise Brockstedt Lech

Monique Maciel Schmitz e Sônia Maria Ferreira Loguercio

## Papo de Evas

Falar sem trelas  
Descer do salto  
Muvuca total  
É tudo com elas.

Evas inquietas  
Formam opiniões  
Dão seus pitacos  
São quase poetas.

Evas, te levam  
Pro paraíso, agora.  
Fazem chover  
E cantam papo fora.

Evas, no Éden  
Formaram sua aliança  
E da caixa de pandora  
retiram a esperança.

Marilise Brockstedt Lech

# Papo de Evas, por escrito





Alessandra Zanatta  
Carolina Vieceli Azambuja  
Lisete Lütz Biazi  
Mariana Lütz Biazi  
Marilise Brockstedt Lech (Org.)  
Monique Maciel Schmitz  
Sônia Maria Ferreira Loguercio

## **Papo de Evas, por escrito**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2016

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [zanette@zanette.com.br](mailto:zanette@zanette.com.br)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste livro NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria.

Este trabalho está licenciado sob a Licença Attribution 3.0 Unported da Creative Commons. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/> ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado por: Marlei Diedrich

---

P218 Papo de Evas, por escrito / Alessandra Zanatta ... [et al.] ;  
Marilise Brockstedt Lech (org.). – Passo Fundo :  
Projeto Passo Fundo, 2016.  
1,3 Mb. ; PDF.  
ISBN 978-85-8326-217-6

Publicação também disponibilizada como E-book  
(formato PDF).

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira.  
3. Crônicas. 4. Contos. I. Zanatta, Alessandra.  
II. Lech, Marilise Brockstedt, coord. III. Título.

CDU: 869.0(81)-1-34  
869.0(81)-94

---

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

# Sumário

<b>Sobre as autoras</b>	<b>9</b>
<b>Apresentação</b>	<b>13</b>
<b>Prefácio: Vozes por escrito</b>	<b>17</b>
Tania Mariza Kuchenbecker Rösing	
<b>A praça é nossa!</b>	<b>21</b>
Sônia Maria Ferreira Loguercio	
<b>#vemprarua</b>	<b>23</b>
Mariana Lütz Biazi	
<b>Por algum tempo</b>	<b>25</b>
Carolina Vieceli Azambuja	
<b>Que seja infinito enquanto dure...</b>	<b>27</b>
Marilise Brockstedt Lech	
<b>Qual a Passo Fundo que eu quero?</b>	<b>30</b>
Alessandra Zanatta	
<b>Bastidores</b>	<b>33</b>
Lisete Lütz Biazi	
<b>Minha tia noventona!</b>	<b>35</b>
Sônia Maria Ferreira Loguercio	
<b>Sob pressão!</b>	<b>37</b>
Mariana Lütz Biazi	
<b>Dores da alma</b>	<b>39</b>
Carolina Vieceli Azambuja	
<b>Ah, o nosso trânsito...</b>	<b>41</b>
Alessandra Zanatta	
<b>Onde mora a felicidade?</b>	<b>44</b>
Marilise Brockstedt Lech	
<b>Alta gastronomia</b>	<b>47</b>
Lisete Lütz Biazi	
<b>Amor de dinda</b>	<b>49</b>
Monique Maciel Schmitz	
<b>O detetive McCloud, a Moura Torta e os Almôndegas</b>	<b>51</b>
Sônia Maria Ferreira Loguercio	
<b>Você tem sede de quê?</b>	<b>53</b>
Mariana Lütz Biazi	
<b>Expressões do sentimento</b>	<b>55</b>
Carolina Vieceli Azambuja	



**Madeiras Alvas 57**

Alessandra Zanatta

**Um ano a mais ou um ano a menos? 59**

Marilise Brockstedt Lech

**O cara 62**

Lisete Lütz Biazi

**Por que não construímos pontes? 64**

Sônia Maria Ferreira Loguércio

**Coisas do amor 67**

Monique Maciel Schmitz

**La última noche 69**

Mariana Lütz Biazi

**O Carnaval do tatu bêbado 71**

Sônia Maria Ferreira Loguércio

**QI & QE 73**

Marilise Brockstedt Lech

**As vítimas da corrupção das vítimas 76**

Alessandra Zanatta

**Dolce far niente 78**

Lisete Lütz Biazi

**Quando a união faz a força 80**

Monique Maciel Schmitz

**Priceless 82**

Sônia Maria Ferreira Loguercio

**Precisamos falar sobre o Adílio 84**

Mariana Lütz Biazi

**(R)Evolução da consciência humana 86**

Marilise Brockstedt Lech

**Patriota... 88**

Alessandra Zanatta

**Em busca de paz 91**

Monique Maciel Schmitz

**A hora dos bons! 93**

Sônia Maria Ferreira Loguércio

**A arte do encontro 95**

Mariana Lütz Biazi

**É (como se fosse) sua! 97**

Mariana Lütz Biazi

**Brincar de viver 99**

Marilise Brockstedt Lech





**Se toca! 101**

Alessandra Zanatta

**Esperança 104**

Monique Maciel Schmitz

**Tragam de volta o Natal! 106**

Sônia Maria Ferreira Loguercio

**Seria tão mais simples... 109**

Marilise Brockstedt Lech

**Um papo de mãe 112**

Alessandra Zanatta

**E se foi 2015... 114**

Monique Maciel Schmitz

**Festas no outro mundo 116**

Sônia Maria Ferreira Loguercio

**Novos tempos 119**

Lisete Lütz Biazi





## Sobre as autoras

### **Alessandra Zanatta**

Jornalista, especialista em Comunicação Organizacional pela UPF. Mãe de Gabriel Zanatta Tocchetto e Guilherme Zanatta Tocchetto, seus tesouros. Adotou Passo Fundo como sua cidade do coração! Ama estar próxima das panelas fazendo guloseimas para a família e os amigos.

Atuou em rádio por longos anos e atualmente exerce as funções de produtora e apresentadora de dois programas de televisão, na TV Passo Fundo: “Saúde” e “Garfo e Colher”. Viu no projeto “Papo de Evas” uma de suas grandes realizações, por poder apresentar à comunidade uma forma diferente de discussão e reflexão sobre os mais variados assuntos.



## **Carolina Vieceli Azambuja**

Carolina. Kaka. Carol. Gaúcha de Passo Fundo, filha de Mara e Nério, irmã mais velha de Thiago e mãe da Danna, uma Cocker caramelo. Como uma boa pisciana, é sonhadora, emotiva e viciada em sensações. Fã de Rubem Alves, apaixonada por cachorros, séries, filmes, viagens, pizza e chocolate. Uma menina-mulher família, engraçada, espontânea e sensível. Apaixonada pela vida, 26 anos, escolheu como profissão a Psicologia, área na qual faz Mestrado.



## **Lisete Lütz Biazi**



À frente do Buffet do Clube Comercial de Passo Fundo há 24 anos, trabalha com o lado bom da vida das pessoas: as festas. Acredita que nem só de pratos sofisticados vive a gastronomia. Valoriza o comprometimento de sua equipe que a acompanha desde o início e acredita que sozinho não se chega a lugar nenhum. Nas horas vagas gosta de pesquisar e manter-se sempre informada.



## **Mariana Lütz Biazzi**

Psicóloga, formada pela Universidade de Passo Fundo, e psicanalista em formação pela Constructo Instituição Psicanalítica.

Adoradora do mundo da comunicação, realiza com os projetos do Papo de Evas o sonho frustrado do Jornalismo. Motivada pela importância da participação feminina na sociedade, acredita no poder do debate e da troca de ideias e, por isso, considera sua participação no programa uma atitude de cidadania.



## **Marilise Brockstedt Lech**



Doutoranda e Mestre em Educação; Especialista em Educação Infantil e Psicologia da Educação; Graduada em Educação Física e Psicologia; Psicóloga Educacional e Professora da UPF; autora de livros, capítulos de livros, artigos científicos, crônicas e poemas. Ocupa a Cadeira 39 da Academia Passo-Fundense de Letras e ocupa-se de diversos hobbies, dentre os quais a fotografia, a culinária, a orquidofilia e o turismo.



## **Monique Maciel Schmitz**

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais formada pela Universidade de Passo Fundo; Pós-Graduada em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho pela IMED; Advogada atuante no Escritório de Advocacia e Cidadania Italiana Della Bona Advogados; nas horas vagas, é blogueira do Coisa de Monique.



## **Sônia Maria Ferreira Loguercio**

Engenheira Civil por profissão, cronista por vocação, estudou gastronomia em Madrid, Espanha, e fez curso de doçaria tradicional portuguesa na Escola Kriss Fernandes em Pelotas. Em suas últimas obras, “A guardiã dos sabores” e “Afetos & Sabores”, resgata receitas de família e de amigos que conquistou pelo mundo. Amante da música, toca violão, bandolim e acordeon. Cantora desde os primeiros anos no Colégio São José em Pelotas, tem se apresentado pelos palcos da vida e, principalmente, na Igreja Santa Teresinha em Passo Fundo.



# Apresentação

Em Pelotas vai ao ar um programa diário pela Rádio Universidade, no qual, sob o comando do jornalista, meu amigo, Clayton Rocha, 30 pessoas, homens em sua maioria, discutem política, esporte e outros temas da cidade. O programa é um fenômeno, pois iniciou em 1978 e ainda segue. A cidade inteira se liga no 13. Eu mesma, quando estou em Pelotas, não perco um. Meu amigo Paulo Rigon, que, ao estudar e trabalhar alguns anos em Pelotas se tornou mais nativo que alguns, falou um dia em ter um programa assim em Passo Fundo. Não levou a termo sua ideia, mas eu fiquei “matutando” sobre o assunto.

Entre as letras e as ideias, fui um dia dar uma entrevista na Rádio Planalto e conheci a Alessandra Zanatta, que muitos conhecem por Kyka, e eu, hoje, trato como Ale. Comecei a ficar ligada no programa dela todas as manhãs, porque, além da voz melodiosa (não melosa), que agradava ao meu ouvido, ela mostrava ser uma jornalista de opinião firme, que sabia conduzir uma entrevista.

Mais uma entrevista e ela me convidou para participar de um programa que conduzia na TV Passo Fundo, o Garfo & Colher. E foi, mais ou menos assim, que fomos criando uma relação de camaradagem que, com o tempo, acabou em uma linda amizade. Foi aí que tive a ideia de um programa só de mulheres, uma mistura do 13 com o Saia Justa, para debater assuntos da cidade, da atualidade no mundo, enfim, o que estivesse “bombando” nas redes sociais e nos noticiários. Na mesma hora em que tive a ideia eu já sabia quem eram as mulheres que gostaria de convidar. A Alessandra foi a primeira que pensei, pois, além de admirar o trabalho dela, precisaríamos



de uma radialista. Depois, Tânia Rösing, minha “ídala”, amiga, uma mulher, realmente, fora de série. Sabia que nem sempre ela poderia estar presente, porque, seja de corpo, seja de alma, tenho a convicção de que veio ao mundo “em viagem”. Pensei na Kaká (Carolina Azambuja), minha sobrinha “de coração”, que vi passar de um tiquinho de gente a uma mulher cheia de opiniões e sem medo de abrir a boca, pois precisávamos contar com representantes da nova geração. A Lisete Biazi, com quem compartilhei inenarráveis momentos na 1ª Jornada Gastronômica que ajudamos a organizar, vinha representar a nova mulher para quem o fogão é instrumento de trabalho e não objeto de desmerecimento. Tive um professor de Estradas de Rodagem na Engenharia que, cada vez que entrava na sala e via as 3 únicas e heroicas (naquele tempo) mulheres em meio a tantos homens, perguntava o que fazíamos ali, que nosso lugar era atrás de um fogão. Pensei na Marilise Lech, pois, para nos divulgar, não teria melhor que ela. Aliás, este livro está acontecendo por iniciativa e “teimosia” dela. Ela não desiste...o que me faz crer que a tal “Revolução da Consciência Humana” vai acontecer.

Convidei algumas outras representantes para a turma “mais jovem”, mas me deparei com o fato de que muitas pessoas têm medo de microfone. Como eu nunca tive, não podia esperar por isso. Foi, então, que a Lisete sugeriu a Mariana, que estava começando a trabalhar como psicanalista. Hoje eu penso que o programa não teria sido o mesmo sem a Mariana. Sentamos lado a lado por dois anos e como nos divertimos! Conseguimos até apelidar determinado ônibus de “caieira” e só não fomos processadas porque as provas eram evidentes a nosso favor. Mais tarde, com a ida de Kaká para Porto Alegre, veio a Monique, bacharel em Direito. No início um pouco inibida mas logo assumiu o espírito das Evas.





A lista das mulheres estava pronta. Faltava vender a ideia para o diretor da rádio, encontrar um nome para o programa, patrocinadores, enfim, todas as questões burocráticas. O nome veio de uma canção de Kleiton & Kledir que resume vários nomes de mulher em “Eva...” . “Eva, me leva, pro paraíso agora...” . Girando em torno do tema, veio, finalmente, o “Papo de Evas”.

Sônia Maria Ferreira Loguercio

Um projeto ousado para muitos e cheio de criatividade para outros. Alguns torcendo contra, mas uma grande parcela nos auxiliando, incentivando e acreditando no resultado.

O papo de Evas iniciou na Rádio Planalto em 2013 e era transmitido nas ondas da Planalto AM 730. Em quase um ano no ar falamos de muitos temas relevantes, programas que com sua temática nos fizeram conhecer pessoas maravilhosas, nos fizeram mudar de ideia sobre alguns assuntos e ver de forma diferenciada alguns problemas. O que realmente marcou foi saber que ao longo do tempo em que comunicamos nossas ideias no programa que ia ao ar todas as segundas-feiras das 12h às 13h, nós ganhamos admiradores, audiência seleta e muito mais que isso, amigos e amigas ouvintes, quanta honra!

No espaço do programa as pautas eram ecléticas, falávamos de vários temas em diversos setores e, claro, muitas vezes divergíamos no ponto de vista. Imaginem muitas mulheres, um grupo de, em média, oito, cada uma querendo expor sua maneira de pensar e ver o mundo, quase uma “muvuca”.

Conseguimos sentar e conversar com pessoas ilustres, pelo trabalho que realizam em ONGs, professores, doutores,



sociólogos, psicólogos, políticos, religiosos, homens e mulheres que têm um papel importante e se posicionam diante da comunidade. Para comemorar meio ano de programa até realizamos uma mesa redonda com o prefeito de Passo Fundo e lideranças da comunidade.

Chegou um tempo de mudança e o Papo de Evas mudou de casa. Em outubro de 2014 o Programa estreou na Rádio Diário da Manhã AM 570. Além do espaço na rádio, as Evas ganharam a oportunidade de expressar-se em uma coluna no Jornal Diário da Manhã, impresso que circula nos finais de semana.

Achávamos que estávamos muito chiques, mas, para completar, em janeiro de 2015 o Papo de Evas estreou na TV Passo Fundo Canal 26, canal fechado de TV, um programa quinzenal gravado na sala das Evas nos estúdios da TV, no bairro Petrópolis.

Mas foi aquele projeto ousado da coluna que hoje vem, por meio deste livro, deixar registrada a sua memória em um formato no qual se apresenta a coletânea das colunas e um dos muitos frutos desse projeto que é o Papo de Evas.

Às minhas queridas colegas Evas, Sônia, Marilise, Lisete, Tania, Carolina, Mariana e Monique, obrigada pela confiança, parceria e especialmente por poder conviver e conhecer um pouco do universo de cada uma. Aprendi muito com vocês!

Um obrigado especial a todos que nos incentivaram, torceram e acreditaram no projeto. E para os que tentaram fazer com que desistíssemos, um abraço...

E aguardem, pois as ideias neste grupo sempre estão no forno....



## **Prefácio: Vozes por escrito**

**Tania Mariza Kuchenbecker Rösing**

*A vida é urgente. Não se pode deixar escapar nenhum instante de prazer, de alegria, de humor. Sobretudo não se pode perder nenhuma migalha de amor. Esses instantes não vão se repetir da mesma maneira, com a mesma pessoa, no mesmo clima. Se é que se repetirão. Pode ser que sejam os últimos. A vida é urgente porque é finita.*

**Alcione Araújo**

Mulheres mais que sensíveis reuniram-se para assumir o programa radiofônico Papo de Evas. Não estavam dispostas a reconstruir o Paraíso perdido, conforme a narrativa bíblica, resgatando a presença do simbolismo de um primeiro casal da humanidade, Adão e Eva, muito menos de validar o machismo com que essa narrativa se mostra à humanidade – uma mulher criada das costelas do homem e num tempo posterior à criação do homem. Vê-se nesse relato que essa ordem serve para mostrar a liderança do homem no relacionamento conjugal, na família, na igreja, na sociedade. Mulher submissa, silenciosa.



Secundária e, quem sabe, descartável. Esse comportamento de outros tempos, muito longínquos se opõe ao que defendem as Evas na contemporaneidade.

Eram outros os propósitos. Mulheres pertencentes a distintas gerações uniram-se não apenas com o desejo de falar, de levantar questionamentos, de elaborar interpretações, de construir críticas em alto e bom som, de se apropriar de determinados posicionamentos construídos coletivamente, de fazer suas vozes ecoarem pelas ondas radiofônicas. Decidiram as Evas registrá-las em jornal. Não se pretende rotular esses escritos como uma determinada espécie literária ou não literária. Longe disso, sente-se, o que se pretendeu foi aproveitar instantes, registrar instantes, fazer críticas, repensar caminhos. Como declarou de forma singular Alcione Araújo, a vida é urgente. Homens e mulheres não podem perder nenhum instante para contribuir com suas observações, com suas críticas, inclusive e especialmente com sua mobilização em direção a mudanças. O instante não se repete.

Vivemos um tempo de turbulências individuais, sociais, políticas, econômicas, culturais. A palavra de ordem é a manifestação. Manifestar-se a favor. Contra. Sempre. Não basta uma atitude individual. É imprescindível cutucar outras consciências. Compartilhar pensamentos, emoções. Construir caminhos. Socializar preocupações. É mais que necessário ouvir o outro, manifestar-se a partir desse posicionamento, construir novas possibilidades, lutar por elas. É um caminho de aprimoramento individual e social pelo desenvolvimento cognitivo e da sensibilidade.

Precisamos da ação de mulheres não apenas como coadjuvantes das cenas do cotidiano. Precisamos de mulheres que sejam protagonistas, juntamente com os homens, de todas



as ações. Homens e mulheres sintonizados. Mulheres e homens em harmonia.

Não se restringiram as Evas, nos programas radiofônicos, a entrevistar mulheres, num pensamento distorcido de sua razão original. Trouxeram opiniões de homens e de mulheres independentes, de distintas classes sociais, de diferentes gerações para contribuir com suas considerações críticas, com a construção coletiva de posicionamentos esclarecidos.

Valorizaram, pela voz e por escrito, o desejo de narrar, o desejo de defender, de contrariar, de denunciar. Serem independentes também pela voz. Serem independentes na escolha das palavras orais e escritas. Serem independentes em todos os momentos da vida. Foram estimuladas, sem dúvida, pelo posicionamento de escritoras expressivas como Marina Colasanti, que defendeu, inúmeras vezes quando de suas estadas em nossa cidade, na realização inesquecível das Jornadas Literárias: “Os seres humanos precisam narrar. Não para se distrair, não como uma forma lúdica de relacionamento, mas para alimentar e estruturar o espírito, assim como a comida alimenta e estrutura o corpo.”

As Evas demonstraram em viva voz e por escrito que não se pode diagnosticar apenas problemas, depositando culpa em outro, em outros. Defenderam todo o potencial humano na mudança do entorno, das pessoas, dos grupos, das instituições, de um país.

Percebe-se como o grande eixo das discussões a questão educacional. Demonstraram e continuam demonstrando sempre uma crença no necessário investimento na educação como possibilidade de reverter diferentes crises no país e fora dele.



Assim, caro leitor, distinta leitora, *Papo de Evas por escrito* é uma oportunidade de compartilhamento de ideias e de emoções singulares, registradas por um grupo de mulheres que batalham, individual e socialmente, pelo aprimoramento humano. Leia, primeiro, em silêncio. Depois, dialogue com seus familiares, com seus amigos sobre os conteúdos destes escritos. Promova uma reflexão profunda sobre cada tema e lembre-se: “a vida é urgente porque é finita.”



## A praça é nossa!

Sônia Maria Ferreira Loguercio

Mariana mudou sua foto no perfil e, ao olhar aquele sorriso luminoso e aquele chapéu que só nela cairia tão bem, percebi, no fundo, um pouco do cenário. Imediatamente, minha alma voou no tempo e voltou àquela noite de 8 de novembro quando aconteceu o piquenique na praça.

Lembro que, logo que a Lisete me pediu ajuda, fiquei receosa, pois, embora eu caminhe todas as tardes naquela praça, um espaço público à noite sempre nos faz pensar em questões de segurança. Mas qualquer ideia inovadora me motiva, e, se envolver gastronomia e o convite partir de uma amiga tão querida, eu mergulho de cabeça, sem titubear.

Aos poucos, a ideia foi tomando forma, os convites foram sendo aceitos, as comidas foram sendo pensadas. Confesso que desconfiava das tantas confirmações de presença que lia no grupo do Facebook. Pensava que, se todos os que confirmaram, realmente comparecessem, faltaria gramado na praça.

Não faltou espaço, mesmo com a presença de mais de duas mil pessoas e, quem esteve lá, sabe que viveu um momento raro e precioso.

Sobre a foto no perfil da Mariana, algumas amigas suas postaram que foi o maior evento de todos os tempos na cidade e, mesmo que alguns possam achar que é exagero, atrevo-me a

dizer que não.

Como entender, nos tempos violentos de hoje em que temos de nos fechar em casas fortemente gradeadas, em que evitamos sair à noite por medo de assaltos, tantas pessoas, de todas as idades, de vários locais da cidade, reunidas em uma praça, comendo e bebendo, tocando violão e cantando, batucando ou, simplesmente, deitados na grama admirando a lua? E o que é mais importante, ainda, cada um respeitando o espaço do outro, porque, ali, a simplicidade do momento nos tornou iguais.

De repente, alguém teve a ideia de juntar todos os violeiros para tocar juntos e, sem nenhum ensaio, foram 3 canções e poderiam ter sido mais.

Olho mais uma vez a foto da Mariana e penso quão sábio foi Caetano quando cantou que “a praça é do povo como o céu é do avião”. A praça é nossa! Não apenas a praça Capitão Jovino da Santa Teresinha, mas todas as praças, todos os espaços públicos de nossa cidade. E, ao dizer “nossa”, significa que é de cada um que queira ali ocupar espaços, levar sua cadeira, tomar um chimarrão, conversar com os amigos, levar as crianças para brincar no parquinho, caminhar, correr.....até mesmo fazer um piquenique.

E, ao reler os tantos comentários após o piquenique, tenho cada vez mais certeza de que a felicidade está na simplicidade. No jornalzinho da Igreja disseram que foi o “piquenique das lanternas” e, lembrando uma outra canção que diz “por que não construímos ponte sobre os rios”, penso que podemos e devemos acender lanternas por aí. Talvez assim as cidades voltem a ser lugares para se viver.





## #vemprarua

Mariana Lütz Biazzi

Há dias venho batendo na mesma tecla: o conformismo tomou conta de nós, passo-fundenses. Somos um polo médico, universitário e industrial em franco desenvolvimento. Somos uma cidade ainda pequena, mas já temos porte de cidade grande. Ocupamos, dentre os aeroportos mais movimentados do estado, o terceiro lugar. Conquistamos o título de Capital Nacional da Literatura. Somos muitos, somos exigentes, sim, e podemos ser fortes. Mais fortes. Temos voz e, por isso, poder. Temos vontades, temos reclamações. Temos, também, elogios a fazer, sejamos justos. Mas ainda nos falta muito.

Em dezembro de 2013, fomos positivamente surpreendidos pelo início das operações aéreas entre Passo Fundo e a Capital. Eu, que por fazer esse trajeto semanalmente, estou acostumada com as 4 horas de estrada que nos separam de Porto Alegre, não contive a minha alegria. Passei, desde então, a utilizar o serviço pelo menos uma vez durante a semana. Na minha primeira vez a bordo do ATR, quase não acreditei nos míseros 35 minutos de voo – menos tempo que dura uma sessão de análise, um dos motivos que me levam até lá. Desci da aeronave e até chegar ao ponto de táxi agradei a todos os funcionários da Azul que encontrei pelo caminho. Nem precisa ser psicanalista para entender o que eu senti naquele momento em que as minhas oito horas de estrada foram reduzidas a quarenta, às vezes cinquenta minutos!



Contudo, como dizem, tudo o que é bom dura pouco, e em dezembro de 2014, mais uma surpresa: Passo Fundo vai ter voos diários para Curitiba! Mas, espera, isso é bom, não? Sim e não. Sim, por razões óbvias. Não, porque para Curitiba entrar na brincadeira, Porto Alegre tem que sair. Sobre a “mudança de malha aérea”, resposta da Azul a todos os e-mails enviados, nada mais se sabe a não ser que no dia 02 de fevereiro sai do Aeroporto Lauro Kurtz o último voo da Azul com destino ao Salgado Filho. Além disso, nos restam meras especulações e muitas perguntas sem respostas. Mas eu não me contento com isso, afinal de contas, deve haver algo que nós, clientes da Azul que ocupamos mais de 80% da capacidade dos voos, nós, passo-fundenses interessados no desenvolvimento da nossa região, possamos fazer. O que, exatamente, eu também não sei, mas estou disposta a encontrar essa resposta.

Enquanto escrevo esse texto, vejo no Facebook a notícia de que um dos cinemas da cidade vai fechar. Leio alguns comentários sobre a baixa qualidade do serviço prestado e concordo. Mas concordo, também, com outra coisa: é uma via de mão dupla. “A empresa não investe porque não tem público. O público não comparece porque a empresa não investe”, disse o amigo de um amigo. E aí eu me pergunto se devemos continuar assim, um esperando pelo outro, ou se devemos dar o primeiro passo em direção à mudança que queremos ver? Eu quero usar a minha voz. E você, quer vir comigo?



# Por algum tempo

Carolina Vieceli Azambuja

Por algum tempo fiquei pensando sobre o que iria escrever... Escrever sempre foi algo difícil para mim e tão simples para outros. Mas arriscarei algumas palavras... Acho que produz melhor quando estou inspirada. Mas quanto mais o tempo passa menos coisas me inspiram. Foi aí então que lembrei-me da infância, na qual tudo era novo e cada passo era uma descoberta. Novos cheiros, lugares, sabores... Senti saudades da época em que tudo era novo para mim. Tudo era fascinante. Até as coisas mais simples da vida eram momentos excitantes. Comecei, então, a revirar algumas coisas na memória e resolvi compartilhá-las.

Você se lembra como foi dar os primeiros passos? Ou como foi comer algodão doce pela primeira vez? Quando senti as ondas do mar encostarem seus pés sob a areia, sentindo o cheiro de maresia pela primeira vez? Quando provou o gostinho do feijão da vovó? Ou até mesmo quando conseguiu passar uma noite sem fazer xixi na cama, se sentindo o máximo? Assim, fui percorrendo minhas memórias e perpassando as outras fases da vida pelas quais já passei. Lembrei de quando dei meu primeiro beijo. De quando dirigi pela primeira vez. Quando tomei meu primeiro gole de vinho... Que saudades de sentir o frio na barriga com algo novo.

Parece-me que com o passar do tempo as pessoas perdem o olhar inocente, o olhar que admira e emociona com as coisas simples da vida. Nossa memória é algo incrível, não é mesmo?



Ela não apenas guarda imagens, mas também cheiros e outras sensações. Como gosto de separar parte do meu tempo para estas nostalgias. Faz tão bem à vida! E sabe o que isso me fez pensar? Que seria interessante viver cada dia, cada experiência da nossa vida como se estivéssemos experimentando tudo pela primeira vez. Deixando nos inspirar pelas coisas mais simples e belas da vida. Sempre lembro-me das estrelas! Elas são lindas, estão sempre lá, belas! Qual foi a última vez que você olhou pela janela, admirou-as e deixou que a magia delas lhe tocasse? Ah, como eu queria olhar para as coisas como o olhar de uma criança! A frase do filme infantil Kung Fu Panda me faz todo sentido ao escrever esse texto “O ontem é uma história. O amanhã um mistério. Mas o hoje é uma dádiva e por isso se chama presente”.



## Que seja infinito enquanto dure...

Marilise Brockstedt Lech

Eu sei que vou te amar por toda a minha vida, eu vou te amar, em cada despedida, eu vou te amar, desesperadamente eu sei que vou te amar...

Foi com esta emocionante canção de Vinicius de Moraes e Tom Jobim, entoada pelas Evas Sônia e Alessandra, que iniciou a gravação do programa “Papô de Evas” que irá ao ar no próximo mês de março, ocasião em que o tema escolhido foi “casamento”.

É tema difícil, mas, ao mesmo tempo prazeroso, para debater? Então é assunto para o “Papô de Evas”, seja na Rádio Diário AM570, todas as segundas-feiras, das 13h às 14h, seja na TV Passo Fundo, Canal 26 da NET, onde um novo programa é lançado a cada quinze dias, nas terças-feiras, às 23h, com várias reprises ao longo da semana e, agora, nesta coluna semanal do Jornal Diário da Manhã.

Para enriquecer todos os programas, as Evas escolhem convidados a quem denominam “Eva por um dia” ou mesmo “Adões”. E para falar sobre casamento, além das quatro Evas que compõem o programa da TV, os escolhidos foram o psiquiatra Érico Hecktheuer e o juiz de família Luis Christiano Aires. E o papô rolou solto na sala de visita das Evas.

Dentre os assuntos do recheado papô, todos foram unânimes ao dizer que, assim como o amor, o casamento não se explica: vive-se a cada dia compartilhando alegrias e driblando



as dificuldades.

Na balança, as alegrias devem superar em muito o peso das dificuldades e para isso é preciso investimentos simples: preparar uma comidinha gostosa, bilhetinhos surpresa, uma canção, o café na cama, mas, acima de tudo, que se tenha projetos comuns a curto, médio e longo prazo. Simples assim... Será?

A pergunta que pairou no ar foi: - Mas será que os casamentos foram feitos para durar para sempre? Nas palavras desta Eva que escreve, sim, mas com um porém: só se estiver muito bom. Foi-se o tempo em que o casamento era uma entidade, um contrato entre famílias e/ou uma instituição financeira. Nos dias de hoje, neste nosso mundo “líquido,” em que as relações têm menos solidez e há menos tolerância e cuidado entre as pessoas, é preciso que cada parceiro se case mais pensando em fazer o outro feliz do que, egoisticamente, esperando que o outro o faça.

Recentemente, li a tradução de uma linda mensagem de uma norte-americana que dizia: “...Não, um verdadeiro casamento (e um verdadeiro amor) nunca é centrado em você. É centrado na pessoa que você ama – seus desejos, suas necessidades, suas esperanças, e seus sonhos”. O egoísmo exige: “O que há aí para mim?”, enquanto o amor pergunta: “O que eu posso dar?”... E do amor, nasce a reciprocidade que, paralelamente à confiança e a atração sexual, são alguns dos principais ingredientes básicos para a “blindagem” que pode envolver os amantes, evitando desejos sexuais extraconjugais, o que, por sua vez, pode ajudar na manutenção e felicidade de um casamento.

Em um casamento de sucesso, os parceiros não se completam pelas diferenças, mas, acima de tudo, se aproximam pelas semelhanças e, quando realmente se amam, vão se tornando cada vez mais parecidos, mais congruentes com o modo de ser



um do outro. Nesse sentido, devem gostar de fazer muitas coisas juntos, espontaneamente, e não só para agradar (mas também para agradar). Nesse caso, até a fisiologia explica: vai sendo liberado o ferormônio, que é o hormônio da atração, e a chance de um casamento durar mais tempo, se não para sempre, é bem maior.

E se o casamento não for para sempre? A resposta a essa pergunta veio pelas palavras, novamente, de Vinícius de Moraes: “Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure”. E com esse poema as Evas e seus convidados encerraram a gravação de mais um papo, com a esperança de que os telespectadores possam se beneficiar com suas reflexões, pois este é o mote do “Papo de Evas”. E que o “Papo de Evas” também seja infinito enquanto dure.



# Qual a Passo Fundo que eu quero?

Alessandra Zanatta

Olá, querido leitor do Jornal Diário da Manhã! É muito bom poder conversar com você neste espaço do Papo de Evas como a Eva jornalista e questionadora que sou. Obrigada!

Somos uma cidade construída por pessoas vindas de diversos locais, de várias cidades do Rio Grande do Sul, de outros estados e mesmo de países diversos; a diversidade que encontramos aqui é maravilhosa, pois, independentemente da origem que você possui, com toda certeza foi bem recebido aqui. Eu mesma não sou natural daqui, mas, como muitos que conheço, cheguei aqui e me apaixonei pela cidade.

Passo Fundo e sua Avenida Brasil larga, com canteiros cheios de árvores frondosas (uma característica que destaca uma cidade com o tamanho da nossa), praças belíssimas, eventos de abrangência internacional, polo na área da saúde e da educação. Definitivamente a capital do Planalto Médio gaúcho é um local privilegiado, porém o motivo principal dela ser tão especial é porque eu, você e quase 200 mil pessoas escolheram este lugar para morar!

Apesar de tudo isso, a pergunta que eu me faço todos os dias ao ouvir as notícias matinais é: essa é a Passo Fundo que eu tanto amo? Essa cidade tão especial para mim está recebendo a atenção que merece? Tenho certeza de que choveriam respostas diretas e secas à minha pergunta matinal no sentido de: “isso tudo é falta de trabalho do setor público”, será?





As ruas cheias de lixo; o cheiro de urina insuportável na porta de estabelecimentos comerciais; falta de respeito com as paradas de ônibus (instaladas pela prefeitura para proteger os passageiros na hora de se deslocarem para seus compromissos); locais depredados que parecem mais um depósito de lixo que um local de abrigo; obras que são realizadas e nem bem são concluídas já sofrem vandalismo (a título de exemplo: há poucos dias alguns desocupados retiraram e espalharam as leivas de grama que aguardavam o plantio ao longo da ciclovia para que a terra não desça e atrapalhe o trânsito de tantas pessoas que estão curtindo este local). Fica a pergunta: será que parte da população realmente acha que é possível transportar toda a culpa para a nossa administração? (Gostaria de deixar claro que o foco não é eximir nossa administração de tudo, mas defender o que apoio como reivindicação válida e o que acho que representa reclamações fora de foco.

Não podemos ver as pessoas agirem desta forma, com tamanho descaso, sem reagirmos. Sair com o cachorro para passear e não levar o saquinho para juntar as “caquinhas”? Por favor! O que é isso? Será que a prefeitura também é responsável pelas fezes do seu animalzinho de estimação?

Se você, como eu, ama essa terra e quer ver essa bela cidade mais acolhedora e aconchegante, abra os olhos. Cuidar e respeitar o patrimônio público é questão básica de educação. Passo longe de eximir a administração por muitos problemas que vivemos, mas tenho convicção de que se não precisasse consertar e limpar o produto da falta de zelo do cidadão, sobreria mais tempo e dinheiro para a solução de problemas que realmente lhe competem nesse âmbito.

Não posso deixar de registrar que também observo que muitas pessoas cuidam da sua rua, em frente das suas casas e



geralmente limpam o que foi deixado por outros. Quero cumprimentá-los e pedir que não desistam, pois são cidadãos com estas atitudes que podem fazer a diferença. O exemplo é a melhor forma de ensinamento!

Peço desculpas pela forma de desabafo, mas é por sonhar com uma Passo Fundo e (em um devaneio muito pessoal) um mundo melhor que escrevo sobre a minha cidade. Amo muito Passo Fundo. E você?



# Bastidores

Lisete Lütz Biazi

Passo Fundo, a cada dois anos, recebe importantes agentes da cultura mundial. A Jornada Nacional de Literatura é um evento grandioso e envolvente que, embora pareça acontecer a cada biênio, não para nunca. As ideias para a nova edição começam a aparecer tão logo uma se finda. E, assim, recomeça o ciclo que culmina na grande festa das letras. Convites aceitos, inscrições feitas, bom casaco e manta na mala e lá se vão todos – os que vão estar no palco dividindo seus conhecimentos e os que vão para assistir e interagir da plateia – para o grande encontro.

Será que algumas dessas pessoas que vêm para conhecer de perto seu escritor favorito se perguntam o que acontece nos momentos em que o palco fica vazio? Onde eles vão almoçar ou jantar? Com quem? Será que ficam confinados em seus quartos de hotel escrevendo ou procurando inspiração? Então, tenho algo para lhes contar: há alguns anos viemos tendo a honra de cumprir essa deliciosa tarefa da Jornada – alimentar o corpo e, também, um pouquinho da alma dos ilustres visitantes. Os escritores, cantores, atores e convidados começam a chegar, timidamente, em grupos menores no primeiro dia, mas logo vão se aproximando e já na segunda refeição estão super envolvidos uns com os outros – afinal, eles também devem ter os seus escritores favoritos. Acho que sim, já que eles também pedem autógrafos.

Além disso, são pessoas que viajam, gostam de novas ex-



periências e de experimentar comidas diferentes. Salvo algum que não esteja no seu melhor dia, são educadíssimos, corteses, tratam garçons e porteiros pelo nome, chamam a cozinheira para elogiar e trocar receitas, são adeptos de tirar fotos com a equipe de trabalho para levarem, também, a sua recordação. A princípio apenas uma foto para ficar na memória, mas com muita honra lhes conto que muitas destas fotos e carinhosos elogios já foram parar nas grandes mídias do centro do País. E isso torna os nossos bastidores muito mais prazerosos e nos dá a certeza de que estamos no caminho certo, já que esse tipo de reconhecimento faz uma cozinheira como eu se sentir uma autoridade. A autoridade do “reino das panelas”.

Em 2013, o grande momento da culinária ficou por conta do “Páginas Saborosas”, festival de gastronomia que antecedeu a 15ª Jornada de Literatura. Na abertura do evento, o norte do Estado ouviu de nossa querida Tânia Rösing algo que já sabe, mas que parece, por vezes, esquecer: “Gastronomia é cultura, sim!” e, também, uma forma de arte. Uma forma de amor.

O evento dura apenas uma semana, mas dá em nossa cidade um verdadeiro banho de civilidade e nos presenteia com delicadezas difíceis de encontrar todo dia. E quanto a mim? Bem, eu ficaria fazendo bolinho de queijo recheado com camarão todos os dias para conviver um pouquinho mais com o genial Alcione Araújo (in memoriam) ou correndo atrás de novas marcas de vinhos para ver o sorriso agradecido do Loyola ou, ainda, fazendo chá com gengibre para as vozes maltratadas pelo frio. Eles nunca irão saber, mas, na verdade, são eles que nos alimentam com suas páginas sempre prontas para serem devoradas.



# Minha tia noventona!

Sônia Maria Ferreira Loguercio

Numa manhã de domingo, atendo ao telefone e era minha tia para dizer que adormecera chorando, pois havia relido um de meus livros. Choro bom, com gosto de um passado nem tão distante. Fico feliz por ter podido colocar no papel algumas histórias daquele tempo em que ainda estávamos todos próximos. Ajuda a não deixar esquecer, conforme o documento de identidade vai amarelando e ajuda a fazer conhecer a esses outros que vem depois de nós.

Conheço algumas pessoas para as quais tias são apenas nomes ou fotos em alguma moldura, mas as minhas são tão presentes que, tenho certeza, mais do que sangue, carrego em mim um pedaço de cada uma. Falo de minhas tias por DNA mesmo, as duas irmãs do meu pai e a irmã da minha mãe; tenho inúmeras outras que se fizeram tias por vínculos de afeto.

Minha tia, ao telefone, dizia que devia ter feito algo de bom para que os sobrinhos a tratassem como “tia querida” e eu pensava comigo que, para mim, o melhor que, não só ela, mas todas fizeram foi nascer para a vida e para a minha vida, em especial.

Quando aportei nesse mundinho de meu Deus em uma casa da rua Princesa Isabel, em Pelotas, um dos primeiros rostos que vi foi da minha tia Enilda. Um caso sério de amor à primeira vista, pois ela nunca mais saiu da minha vida. E olha que ela já está completando 90 anos! Cresci admirando aquela figura elegante, com o cabelo sempre arrumado, professora renomada; até o parque infantil da escola onde foi diretora por





muitos anos leva seu nome. Lembro as manhãs na casa da praia do Laranjal quando ela entrava em nosso quarto usando um short de “elanca” sobre o maiô estampado e escancarava as janelas dizendo “vamos levantar que o dia está lindo”! Lembro o jantar oferecido a ela no Clube Comercial quando se aposentou, lotado com as “cabeças coroadas” de Pelotas e eu lá, na mesa principal, junto com a Mana e os meus avós. Meu avô Sertório, que raramente saía de casa, com uma cara de orgulho que só vendo, devia estar pensando nos tempos de Rio Grande com as filhas estudando e, mais tarde, tendo de pegar o trem para lecionar na estação de Domingos Petrolini. Lembro os 6 de março de antigamente com as professoras lotando as salas da casa da Gonçalves Chaves para um chá em comemoração ao aniversário dela e, mais tarde, a família toda se reunindo em torno à mesa para um jantar em meio a muitas risadas. Lembro o Simca 3 andorinhas que ela ganhou do meu tio e usava para o ir e vir do colégio. Lembro as costuras que fazia para nós depois que se aposentou, principalmente meu vestido de casamento que, fiz questão, fosse feito por ela. Lembro....lembro....lembro....aquela figura mais calada mas que, mesmo assim, foi merecedora de um diploma por parte da turma dos amigos da praia que, por anos, esteve pendurado na parede da sala lá da casa do Laranjal e, hoje, está no apartamento do meu primo Tinho, em que está escrito: “À Poxôxa uma homenagem da turma dos Funileiros”. Esta é minha tia noventona! E, agora, respondo à minha tia, a outra, a do telefonema, com uma canção do meu filme favorito, A Noviça Rebelde, em que Julie Andrews cantava “somewhere in my youth or childhood I must have done something good” (em algum lugar de minha juventude ou infância eu devo ter feito algo de bom) para merecer as tias que tenho, enquanto escuto, claramente, vinda de algum lugar a voz do meu tio Walter, o “pobrezinho”, gritando tal qual Fred Flinstone quando chamava por Wilma: ENILDA!!!!!!!!!!!!

# Sob pressão!

Mariana Lütz Biazi

Estou de férias. Para ser mais exata, no meu primeiro dia de férias. Ainda vai demorar para essa coluna ser publicada e, no dia em que eu a reler no jornal, certamente, já vou estar sentindo falta dos dias que virão depois de hoje. É neles que venho, há alguns meses, depositando toda a minha expectativa. Hoje já acordei ansiosa com a viagem que está marcada para amanhã à tarde. Mas a verdade é que, para mim, ela já começou faz tempo. A partir do momento em que escolho o destino ganho uma nova obsessão e assim fico, lendo e relendo tudo o que posso sobre o lugar que vou visitar. Acho que por isso, normalmente, falta tempo pra fazer tudo o que quero durante uma viagem. Mas penso que assim são as férias: temos tempo para tudo, mas, às vezes, optamos por fazer nada! Além disso, férias é o momento de tirar o atraso. De ler os livros que não consegui ler durante o ano, de ouvir os discos que foram lançados em meio a correria. Mas é tempo, também, de voltar aos velhos encartes e ouvir, com o repeat ativado, minhas músicas preferidas. Férias não é um lugar, mas tem, para mim, tudo a ver com a casa no campo que a Elis cantava: “onde eu possa guardar meu amigos, meus discos e livros e nada mais!”

Eu gosto da minha rotina, dos meus dias divididos entre Porto Alegre e Passo Fundo, entre o estudo e o trabalho, entre os compromissos e o lazer, entre a família, os amores e os amigos. Mas o que eu não gosto disso tudo é de ter que cumprir horários. Acho que é por isso que eu escrevo nas férias e ainda faltando muito tempo para entregar esse texto: porque eu gosto de



tudo o que eu faço quando não estou de férias. Mas gosto mais ainda quando posso fazer no dia e na hora em que eu quiser.

O telefone tocou enquanto eu escrevia. Era uma grande amiga que eu não via há muito tempo, me informando da sua breve estada na cidade e me convidando para um café. Larguei tudo e fui correndo, afinal de contas, estava em férias! Quando voltei, me dediquei às malas e, quando me dei por conta, já estava muito longe do meu computador para continuar escrevendo. Tudo bem, pensei, ainda tenho muito tempo. A viagem, aquela lá do início do texto, foi incrível! Na volta, a rotina recomeçou e os meus escritos ainda tão distantes do fim e da data de entrega foram deixados de lado. Há poucos minutos recebi uma ligação da redação do jornal me cobrando a entrega e levei um susto que tomou conta de mim. Corri para o computador com o prazo esgotado e quanto mais tento escrever algo coerente, que complemente o que iniciei no mês passado, nada sai. Mas que bela ironia, não? Eu que tanto queria poder falar das delícias de não precisar correr contra o relógio, cá estou, esmagada por ele. E, junto comigo, a minha boa intenção de divagar sobre as férias que teve de ser subitamente trocada por esse tosco, porém sincero, pedido de desculpas a quem me lê. O que me consola é que eu já tinha avisado: não trabalho bem sob pressão!





# Dores da alma

Carolina Vieceli Azambuja

A distância faz parte das dores da alma... Aquela que faz chorar quando nos lembramos de qualquer coisa que deixou saudades. A dor que nos faz lembrar que estamos vivos, pois só quem vive e viveu sente saudades do que se foi. Pena que algumas pessoas só passam a dar valor às coisas da vida quando chega a dor. A saudade, palavra que só existe no vocabulário português, exprime aquela lembrança acompanhada de emoção que sentimos no peito ao relembrar de algo que já passou ou de alguém que já se foi... A saudade é tão importante que, ao pesquisar sobre ela, descobri que há uma data para ser comemorada aqui no Brasil: dia 30 de janeiro. A palavra saudade vem do latim “solidão”, sob a influência de “saúde”, “saudar”. Confesso que não compreendi muito bem, e se algum leitor quiser contribuir, a discussão será bem-vinda. Não entendo que alguém que sinta saudades, sinta solidão. Pois sentimos saudades daquilo que nos causou coisas boas e não entendo a solidão como algo bom. Talvez a solidão venha quando lembramos o que nos traz saudades e a sensação de não poder viver tais momentos novamente. Como minha avó, que ao se lembrar do seu marido que já se foi, sente-se só. Sente solidão, justamente por não poder compartilhar de sua companhia novamente. Ou porque, em momentos de solidão, é que sentimos saudades das coisas que nos marcaram. A solidão permite reflexão, permite você se conectar consigo mesmo, viajar no seu próprio universo. Peguei-me pensando em coisas que me dão saudades... Saudade do colo da minha mãe, quando eu ainda cabia nele. Ou do



abraço apertado do meu pai, quando os braços dele cobriam os meus. Saudade do cheiro do bolo da vovó e da barba do meu avô. Saudade do barulho que as pipocas faziam ao serem estouradas na panela de minha avó. Saudade da polenta. Nunca pensei que diria isso! Odiava quando minha vó fazia polenta no verão. Achava que era comida de inverno. Mas hoje sinto saudade. Saudade também das reuniões de família e da confusão que as vozes faziam ao ecoar na sala de jantar. Saudade do cheiro da grama e de rolar nela sem medo. Saudade do cheiro do giz que dançava no quadro ao aprender o que nos era ensinado. Saudade da cantina do colégio e do “tio” que cuidava do portão. Das “tias” da limpeza e do cheiro do ginásio da escola. O que mais lhe dá saudade? Ao sentir saudades e recordar de momentos que já vivi, comecei a rir e a chorar de alegria, desejando reviver algumas coisas e poder tocar novamente certas pessoas, principalmente aquelas que já se foram. A saudade é linda e não consigo achar outro substituto para ela. A saudade é tão poderosa que nos traz nostalgias únicas. Desejo a você, caro leitor, que tenha saudades, que sinta saudades, pois colecionando saudades tornamos nossa vida um álbum de recordações que pode ser folhado enquanto o tempo passa. Boas saudades a você!



## Ah, o nosso trânsito...

Alessandra Zanatta

Na semana em que Passo Fundo sediou a 1ª Conferência Municipal em Defesa do Trânsito Seguro, impossível não falar deste tema. O Programa Papo de Evas, que vai ao ar todas as segundas-feiras na Rádio Diário AM 570, pautou o assunto conversando sobre o número de reprovações dos candidatos a motorista no estado do Rio Grande do Sul.

Conforme dados do Departamento Estadual de Trânsito (Detran), 32,58% dos candidatos à carteira do tipo B (para automóveis) fracassaram no exame em 1999. Enquanto o resultado de 2014 foi de 65,64% — crescimento de 101% na média de reprovação nos últimos 15 anos.

Estas estatísticas fazem com que nos perguntemos sobre o que está acontecendo. Será que os candidatos a motorista, independentemente da idade, estão preocupados em aprender a conduzir seus automóveis e a respeitar as normas de trânsito? Ou será que simplesmente estão querendo portar o documento que lhes permitirá dirigir?

As mulheres, ao realizarem os testes para carteira nacional de habilitação, são as que mais reprovam, os números giram em torno de 70%, mas no trânsito são mais cautelosas e atentas. Segundo consta (G1), as mulheres se envolvem somente em cerca de 20% dos acidentes de carro.

Em um tempo em que o trânsito, tanto nas cidades quanto nas rodovias, tira a vida de um grande número de pessoas e



deixa outras tantas com limitações físicas, o exercício de “transformação” em motorista deve ser levado muito mais a sério e ser considerado uma formação!

Sou a favor de nos manifestarmos em todas as situações nas quais temos demandas válidas (e gosto muito de reforçar isso), mas é importante entendermos que a taxa de reprovação no caso citado é mais do que necessária. Quando discutimos esse tipo de assunto ou submetemos nossos filhos aos testes obrigatórios, é importante que entendamos que se trata de uma prática burocrática necessária para que disponhamos de ruas mais seguras!

Constatar esse fato pode remeter a um problema:

“Bom, se em 1999 a taxa de reprovação era baixa, que tipo de qualificação nossos motoristas mais antigos possuem?”

Mesmo com os riscos impostos pela idade, os idosos não são uma ameaça ao trânsito como muitos pensam. Em 2005, segundo o Denatran, 21.645 condutores com mais de 60 anos estiveram envolvidos em acidentes com vítimas, contra 213.850 motoristas entre 30 e 59 anos. A prudência dos idosos e também das mulheres é até valorizada pelas companhias de seguro.

Muitas pessoas têm adquirido veículo de passeio nos últimos anos. Em Passo Fundo, temos em média um carro para cada duas pessoas. Este quadro fez com que muitos buscassem a habilitação e reprovassem uma, duas, três vezes. Segundo os instrutores, não se estimula um motorista a desistir de seu sonho de ter a liberação de forma legal, porém alguns reforços nas aulas e no estudo podem se fazer necessários.

A conclusão de tantas conversas sobre o trânsito, seja em encontros, seminários ou programas de rádio, é a de que preci-



samos de mais educação e respeito entre nós. Nunca podemos nos esquecer de que, apesar dos problemas que vêm e vão, vida é uma só!



# Onde mora a felicidade?

Marilise Brockstedt Lech

Ei, você, que anda procurando a felicidade... Será que ela tem um endereço próprio? Será que existe uma categoria de pessoas que são felizes e outra das que consideram que só existem momentos felizes? Mas afinal, o que significa felicidade? Encontrar conceitos para definir esta bela palavra até nem é difícil, mas senti-la em sua plenitude e ainda por cima saber onde ela mora, aí já é trabalho para Sêneca, o filósofo da felicidade.

Sêneca descreve que ser feliz é saber equilibrar a razão com a emoção. Para ele é isto que traz a serenidade, qualidade esta que considera como sinônimo de felicidade. Diz também que a felicidade não mora sempre no mesmo lugar. Assim, o primeiro preceito para esta busca seria procurá-la em caminhos diferentes das outras pessoas e dos seus próprios já traçados. Muitas vezes olhamos para a vida dos outros e buscamos compreender por que parecem ser tão felizes. Contudo, este mesmo filósofo alerta que, se quisermos olhar para as outras pessoas e compreender o porquê de sua felicidade, devemos procurar olhar primeiro para suas almas e não para suas aparências.

Mas dentre tudo que este sábio romano nos deixou de legado desde o período clássico, o que mais me chama a atenção é o que ele refere sobre a importância de vivermos em comunhão com a natureza. Desde então, estamos nos distanciando, cada vez mais, da fonte da nossa vida e, como tal, da própria felicidade.



Atualmente, precisamos de mais e mais “coisas” para sermos felizes, o que tem tornado esta busca mais difícil. Nem bem sabemos que nossa felicidade depende muito mais do que fazemos com o que possuímos do que com o que, exatamente, nós possuímos. Temos deixado de lado o nosso potencial criativo e buscado tudo pronto. Afinal, temos pressa. Não dá mais tempo de cultivarmos um hobby, de tocarmos um instrumento musical, de praticarmos um esporte coletivo, de brincarmos, especialmente junto à natureza. Não estamos tendo tempo de vivermos em grupo, o que poderia nos proporcionar a suave alegria do pertencimento e das trocas humanas.

Nossa felicidade também depende da possibilidade de ajudarmos os outros a serem mais felizes. Alguém que vive egoisticamente, muitas vezes às custas do sofrimento do outro, não deve conhecer a verdadeira sensação da felicidade. Da mesma forma a pessoa que apenas cumpre com suas obrigações, deixando de lado sua espontaneidade, o que na filosofia do Taoísmo significa a essência da felicidade, vai continuar procurando-a por muito tempo e por muitos lugares e dificilmente a encontrará.

Em seu livro “Feliz por nada”, Martha Medeiros defende, e eu assino embaixo, que felicidade não tem a ver com oba-oba, riso frouxo ou com vida ganha. Para ela isso representa alegria, o que também é muito bom, mas não é suficiente para abarcar toda a essência da verdadeira felicidade, a qual também pode incluir momentos de tristeza e, eu diria ainda, de dúvidas e preocupações.

Esta já consagrada escritora gaúcha defende que precisamos evitar a sensação de amortecimento, buscando extrair das miudezas o mesmo feitiço que as grandezas proporcionam. Além disso, é pertinente que corramos atrás do que queremos,



prestando homenagens a nossa própria biografia. Complemento estas ideias com o entendimento de que a felicidade não vem por conta própria, já as dificuldades vão chegando sem pedir licença. Contudo, as pessoas felizes as percebem não como obstáculos mas, sim, como desafios, motivando-se para enfrentá-los. Elas veem a dor como passageira e determinam seu grau de ambição de acordo com as possibilidades de realização.

Ah, felicidade... Mas afinal, onde mora você? Caetano Veloso entoava uma canção que diz que ela mora onde a falsidade não vigora, e isso faz muito sentido... Baseada nesta ideia e muitas das anteriores, decidi que a minha felicidade fará sempre morada na minha alma e, assim, onde quer que eu esteja ela estará sempre me acompanhando, mesmo nos momentos mais difíceis que todos nós enfrentamos ou, mais cedo ou mais tarde, enfrentaremos.

E a sua felicidade onde mora? Saiba que você é livre para escolher e, então, correr atrás dela ou agir de tal forma que ela venha ao seu encontro... Mas não fique aí, parado, esperando, pois ela não vem por inércia. Ser feliz dá um pouco de trabalho. E, ao procurá-la, não o faça em lugares muito distantes, pois tanto faz se você está em Paris ou em um pequeno sítio interiorano, em uma praça ou em um caloroso abraço. Procure-a com as lentes do amor e você vai encontrá-la. Porém, cuide para que, na pressa, não passe despercebido por ela, entremeada que está nas coisas simples da vida.





# Alta gastronomia

Lisete Lütz Biazi

Nos últimos 30 anos, a distância entre a América do Sul e a Europa diminuiu – pelo menos no que diz respeito à culinária. Há um grande número de chefs-de-cuisine europeus desembarcando em terras tupiniquins e, com eles, uma linha privilegiada da mais requintada e autêntica gastronomia. E o resultado disso não poderia ser mais saboroso: a mistura entre o clássico europeu com o exótico sabor tropical. Assim, cheios de originalidade, nossos mestres vêm instituindo, com sua personalíssima interpretação, uma completa revolução na culinária brasileira e nos apresentam com verdadeiras obras de arte. Não só pelo sabor, mas, também, pela beleza estética.

A criatividade, arma fundamental da profissão, permite experiências inusitadas que transformam as frutas, os legumes e as raízes da nossa terra em refinadas refeições. Os tons e harmonia das cores dão a impressão de termos a nossa frente uma tela. Felizmente, o aroma e sabor prontamente nos afastam da ilusão e nos permitem deliciosos momentos. A cada garfada, um mundo de sensações se (re)apresentam a nós e permitem que viajemos no tempo. Isso porque, em matéria de comida, todos temos um passado. O paladar, um dos nossos cinco sentidos, é o responsável pela captação das mais diversas experiências. Seja o gosto da primeira papinha ou de um ragú de javali, tudo fica armazenado e o interessante dessa “brincadeira” é que o que está guardado pode vir à tona quando menos se espera. Talvez aí resida a importância de voltar às raízes: trazer simplicidade ao sofisticado e, assim, permitir que cada nova experi-



ência se conecte com a nossa memória e, por isso, fale mais alto ao nosso coração. Quem não lembra da cena do duro crítico culinário Anton Ego, em Ratatouille, que se rende ao tradicional e tão simples prato francês, servido pelo “chef” Rémy, que lhe traz de volta suas melhores lembranças da infância?

Comemos quando temos fome, sim, mas nem por isso a comida limita-se a nos saciar. Tem muito mais a ver com o desejo. Gastronomia, segundo o Dicionário Michaelis, significa a “arte de cozinhar e preparar as iguarias de modo a tirar-se delas o máximo prazer”. Uma bela mesa, a bebida certa e boas companhias arrematam o sentido disso tudo. Aproximação! Talvez seja esse o verdadeiro sentido. Brasil e Europa, pais e filhos, famílias, amigos, não importa. O que importa é compartilhar esse prazer.



# Amor de dinda

Monique Maciel Schmitz

Sempre sonhei em ser madrinha de batismo, mas jamais pensei que ter um afilhado mudaria tanto a minha vida. Há 10 anos, pela minha prima, recebi meu primeiro presente.

Tornar-me dinda me fez amadurecer a demonstração de que eu seria responsável por um “serzinho” que não tinha conhecimento de nada no mundo.

Hoje já são três anjinhos que correm pela minha casa me chamando de dinda. Sempre que posso reúno os três para ficar rodeada de inocência e amor! E isso me faz tão bem, recarrega minhas energias. Ter crianças pela casa deixa tudo tão iluminado, tudo tão leve! Costumo dizer que meus afilhados são presentes de Deus. Cada um veio na sua hora: o primeiro veio para aliviar as dores que a minha família enfrentava; o segundo, para tornar minha família mais unida; e a terceira, para nos ensinar a ter fé!

Quando me disseram que ser dinda era ser a segunda mãe, levei ao pé da letra, amo-os tanto que se preciso for dou a minha vida a eles.

Nunca pensei que pudesse ter meu coração correndo fora do meu corpo, tampouco três corações, meus afilhados são minhas paixões, a luz da minha vida! Sempre faço tudo pensando em lhes dar orgulho.

Amar crianças já faz parte de mim, sempre tive uma li-



gação muito grande com elas, mas ser dinda exige mais, exige amor, afeto, cumplicidade, respeito e cuidado. É receber aquele abraço apertado, repleto de carinho vindo de um coração puro e verdadeiro. É ter consciência que mesmo não estando perto fisicamente, o meu coração sempre estará com eles.

Ser dinda é monitorar o Facebook, encher muitos balões nos aniversários, ficar de babá nos finais de semana e morrer de ciúmes ao imaginar que eles irão arrumar um(a) namorado(a)!

Ninguém me disse que ser dinda seria fácil, mas me contaram que valia muito a pena, e como vale, ter aquele sorriso sincero quando te vê, ouvir as histórias inocentes que me contam! Ahhhh, é uma delícia!!!!

E além do que dizem por aí, ser madrinha é amar incondicionalmente um ser gerado no seu coração. É aprender a doçura de ser criança outra vez! É felicidade! Responsabilidade! É amor que nunca cessa, só aumenta...



# O detetive McCloud, a Moura Torta e os Almôndegas

Sônia Maria Ferreira Loguércio

Um post no Facebook falando sobre os 40 anos do lançamento do primeiro LP dos Almôndegas mexeu com minhas lembranças e minhas emoções. Afinal, na capa daquele disco, cuja foto estava estampada ali na tela do computador, vi meus amigos, “companheiros de mocidade” como diria minha avó, e lembrei daquela noite lá no antigo Teatro Leopoldina. Boas recordações, mas tal qual a letra daquela canção dos Titãs que diz “devia ter amado mais, ter chorado mais, ter visto o sol nascer”, eu queria poder lembrar mais. Quem estava lá comigo? A Fátima, provavelmente, já que também ela me acompanhava no show dos Almôndegas lá no Gigantinho, aquele em que Milton Nascimento pediu licença para sentar aos meus pés e cantamos juntos todas aquelas canções que hoje posso escutar ao fazer rodar este antigo vinil. Talvez fosse a Eunice que, “como eu, amava os Almôndegas e a Música Popular Pelotense”. Deveríamos nascer com memória RAM, essas de computador, à qual pudéssemos recorrer quando as lembranças começam a esvanecer. É angustiante ficar remoendo algo que gostaríamos de lembrar mas “se perdeu por aí”, só para continuar com letras de canções que me encantam.

Minha avó adorava contar estórias e um dia desses me peguei tentando recordar a da “Moura Torta”. Busquei em todas as fontes familiares possíveis e ninguém conseguia lembrar. A Emmanuelle encontrou algo no Google, mas não me trouxe a



certeza de ser a estória da minha infância. Não perdi a esperança, pois “qualquer dia, qualquer hora” algo pode fazer pular do fundo do baú as palavras certas... e na voz da minha avó. Tal qual aconteceu quando minha gêmea Daisy falou que estava investigando para tentar descobrir algo que eu não quis lhe contar e, imediatamente, lembrei de um detetive de uma série de TV antiga com cujo nome meu tio Dico apelidou o Rubinho, filho da dona Lurdes, no episódio do roubo de uma camionete da empresa. O Rubinho era, na época, uma figura ímpar, tão “desligado” que, certa feita, levou meu irmão para assistir duas vezes, na mesma tarde, ao mesmo filme, pois não se deu conta que o cinema tinha entrada por duas ruas. E no caso da camionete roubada, houve uma diligência familiar no encaço dos bandidos durante a noite, enquanto eu e a Jussara espiávamos pela janela achando tudo emocionante, que, no final, acabou em muita risada. Liguei para a minha mãe para saber se ela lembrava quem era o detetive e meu irmão saiu-se com uma pérola: “James Bond”! Liguei para a minha prima Jussara, que, também, não lembrava. Enquanto falava com ela ao telefone, ouvi, de algum lugar, a voz do meu tio dizendo “McCloud” e tudo voltou como num filme. O McCloud, o MacMillan, o Columbus, grandes séries de detetives de antigamente que todos nós assistíamos porque televisão era novidade e a programação era quase toda americanizada, estava tudo lá nos compartimentos em meu cérebro onde vou guardando minha história.

Fiquei feliz em lembrar, não pelo detetive, mas como com a Môra Torta e os Almôndegas, por todas as coisas boas que afloraram em minha memória. Tal e qual a canção “recordar é viver, eu ontem sonhei com você”. Brabo foi aguentar ouvir da Daisy que não lembrava pois não era de seu tempo!



# Você tem sede de quê?

Mariana Lütz Biazi

Não entendo quase nada sobre cinema – assim como sobre música ou vinho, mas, independentemente disso, tenho os meus preferidos. Penso que essa eleição é algo muito pessoal. Filmes, músicas e vinhos ou são bons ou são ruins e ponto. Dificilmente concordo com os “especialistas” ao assistir a cerimônia do Oscar, por exemplo, e, quando começo a me achar uma ignorante no assunto, logo me conformo, pois o meu olhar de mera espectadora, completamente desprovido de teorias e conhecimentos, carrega outro atributo tão valioso quanto: a emoção. Um filme é bom quando nos emociona! Bem como uma música que nos faz cantar alto ou dançar ou, por alguns minutos, esquecer do mundo ao nosso redor. Já o vinho... ah, o vinho! Independentemente de ser frutado para um ou amadeirado para outro, diz respeito ao prazer proporcionado. Assim, a biblioteca do nosso iPod interno, muito mais do que arquivos, carrega afetos. E isso é singular!

Na semana que passou, finalmente, assisti a um dos indicados desse ano ao Oscar de melhor filme estrangeiro, Relatos Selvagens. Comentei, durante a exibição, que a película argentina é um tapa na cara da sociedade. No final, falei que é um espancamento. Mas, pensando melhor, levar essas histórias como uma crítica me pareceu uma leitura simplista e acomodada. São seis relatos que, aparentemente, nada tem a ver entre si, contudo, a linha que as costura é muito bem definida. Arrisquei resumir o longa metragem em uma frase: do que são capazes aqueles que têm os seus desejos contrariados? Mas, de novo,



me corrijo. Talvez a pergunta certa seja: do que somos capazes ao ter nossos desejos contrariados? Pois, aderindo à moda da internet, somos todos selvagens. E aqui o selvagem, em um fascinante paradoxo, mostra-se demasiado humano.

No filme, comédia e horror andam juntos. Gargalhadas e demonstrações de pavor intercalam-se entre os espectadores e, com isso, a subjetividade de cada um quase se materializa diante dos olhos curiosos de quem, como eu, assistiu ao filme e, ao mesmo tempo, as pessoas que estavam ao meu redor. Mas do que rimos?, eu saí me perguntando. Quem sabe, esse falso tom de comédia tenha a ver com a nossa própria satisfação obtida através dos personagens. Nos identificamos com eles (sejam vítimas ou algozes – e aqui mora o prazer!) o tempo todo. Em 1930, Freud escreveu sobre o mal-estar na civilização, ou seja, sobre a inevitável oposição entre as exigências do instinto e as restrições da cultura. O preço que pagamos pela impossibilidade de obtermos uma completa satisfação é alto. Mas também, recompensador. Diante de tudo isso, um filme é bom não só quando nos emociona, mas quando a arte cumpre seu papel, permitindo que a gente realize, através do outro, os nossos mais profundos e inomináveis desejos. De novo, Freud: “ a arte é uma realidade convencionalmente aceita, na qual, graças à ilusão artística, os símbolos e substitutos são capazes de provocar emoções reais. Assim, a arte constitui um meio caminho entre uma realidade que frustra os desejos e o mundo dos desejos realizados da imaginação”.





## Expressões do sentimento

Carolina Vieceli Azambuja

Você precisava ver minha cara de preocupação! Mas, desta vez, uma preocupação diferente.... Fui encarregada da difícil tarefa de escrever um texto para o final de semana do dia das mães! Eu digo difícil, pois achei que seria mais fácil, confesso. Mas me enganei. Não consigo entender.... Como pode ser difícil escrever sobre alguém que faz parte das nossas vidas todos os dias e, ainda por cima, uma das pessoas mais importantes? Deveria ser mais fácil.... Mas acho que quanto mais profundo é o sentimento, mais difícil conseguir falar sobre ele. Sabe com o que eu relacionei? Com a dificuldade que algumas pessoas têm em conseguir falar para as que mais amam o quanto as admiram, o quanto elas são importantes e quanto amor sentem por elas... Acredito que muitas pessoas têm dificuldade com a expressão dos sentimentos. Refiro-me à expressão do carinho, tanto através de gestos, quanto através das palavras. Reflita. Com que frequência você demonstra ou até mesmo diz a sua mãe, irmã, avó, ao seu pai, irmão, avô, aos seus amigos que você os ama? Engraçado né, às vezes, na “correria” do dia a dia, nos “esquecemos” desses gestos simples, e logo com aquelas pessoas que são as mais importantes para nós. Procurei dentro de mim muitos significados para a palavra “mãe”, algo que pudesse defini-la. E quer saber a verdade? Por mais que eu me esforçasse, não surgiu nada. Não apareceu. Fiquei preocupada. A falta da definição não foi por ausência de amor. Muito pelo contrário. Acho que nada que eu escreva vai chegar aos pés do que uma mãe representa para um filho. Nem ao sentimento que os filhos



têm em relação as suas mães. Enquanto fui escrevendo, fui me deparando com lembranças, cheiros, sabores e cores. E claro, tudo regado de muita emoção. Ainda não posso relatar a experiência de ser mãe, pois não tenho filhos. Mas já tive muitas mães e, por isso, decidi escrever como filha. Claro, mãe mesmo eu só tive uma, mas não tenho como deixar de lembrar daquelas mulheres que também cuidaram de mim: tata, avós, dindas, tias, e até mesmo professoras, terapeuta... À medida que fui pensando nessas mulheres, fui me dando conta da importância delas em minha vida e me questionando se eu tenho demonstrado gratidão e amor por elas... E aqui fica meu convite para você que está lendo este texto. Que você também possa refletir se tem conseguido transmitir às pessoas que ama o sentimento que tem por elas. E veja bem, se você pensou em fazer isso hoje... que possa fazer sempre! E que sorte você tem em poder fazer isso. Pois se pensou em correr para a floricultura e comprar flores, ou escrever um cartão, ou chegar em casa e dar um super abraço, ou dizer palavras de carinho, é porque a pessoa que ama pode receber. Não espere para refletir após a partida dela. Afinal, domingo é dia de homenagear quem é especialista em amenizar tristezas, somar felicidades, compartilhar sentimentos e difundir o amor. Feliz dia das mães!



# Madeiras Alvas

Alessandra Zanatta

Na última segunda-feira, foi tema no Papo de Evas, na Diário AM 570, a opção de muitas mulheres que estão envelhecendo ou entrando na terceira idade, como queiram, em deixar os cabelos grisalhos. Não fazer uso da tintura no cabelo e não ficar escrava de visitas frequentes ao salão de beleza é um dos argumentos utilizados por muitas destas mulheres. Durante nosso bate-papo as opiniões se dividiram e em conversas com outras pessoas depois do programa chegamos a uma conclusão: para tomar esta atitude a mulher necessita de muita atitude (desculpe a redundância!). Optar por ficar com as madeixas alvas e ainda conservar o charme, a feminilidade e beleza não é para qualquer uma. As mulheres hoje se veem num universo em que a busca pela juventude é constante, ninguém quer aparentar ter a idade que tem. Estica aqui, puxa ali e mais tintura no cabelo. Isso não vale só para as mulheres, não é mesmo senhores?! Refleti nos últimos dias sobre isso e confesso ter ficado triste (e olha que eu já pinto os brancos há algum tempo!). Será que o que nos faz envelhecer, ter cabelos grisalhos e linhas de expressão não conta? Quantos momentos vividos para poder ter marcas no rosto, cabelos platinados? Quantos momentos felizes, quantas decepções, sorrisos, lágrimas, amores... As vivências, as experiências e tudo que contribui para uma boa conversa num encontro com os amigos deixou de ser importante? As bagagens que trazemos com a idade deixaram de ser o mais importante? Uma pena.... Mas aí vem a cobrança das mulheres que têm atitude e deixam as madeixas alvas. Um exemplo comentado no programa dava conta de uma mulher



de 45 anos que voltou a pintar o cabelo depois de optar pelo grisalho devido à pressão das pessoas próximas. Outra amiga me confessou que o chefe sugeriu que ela pintasse o cabelo para parecer mais jovem.... É.... Parece simples: “se o cabelo é meu, eu decido como será a cor”. Será uma escolha pessoal? Há outra questão a ser discutida. Gestantes durante a gravidez não devem fazer uso de química, certo? Sim. Segundo médicos e profissionais da área, esta orientação deve ser seguida à risca: gestantes não devem utilizar química nos cabelos. Devido a tais orientações, algumas mulheres deixaram de usar coloração nos cabelos ou optaram por nunca usar química, acreditando que a utilização desses produtos pode trazer prejuízos à saúde. Gostaria de experimentar deixar meus cabelos alvos, porém já ouvi: “você é louca?” ou “vai ficar com cara de muito velha”... As mulheres, em especial da terceira idade, estão começando a gostar da idade que têm. Querem estar bonitas de uma forma compatível com seu corpo, demonstrando, assim, respeito a sua experiência, a sua caminhada de vida. Vamos curtir a idade que temos! Realizar tudo para envelhecer com dignidade e qualidade de vida e cuidar da estética como quisermos faz parte desse pacote!



## Um ano a mais ou um ano a menos?

Marilise Brockstedt Lech

Adoro conhecer a etimologia das palavras. A gente sempre descobre que, lá atrás, muitas delas tinham um significado mais interessante que o usual. Nesta semana, descobri que a palavra aniversário significa “o que volta todos os anos” e parei para refletir. Mas afinal, o que será que volta? Estou ciente de que não é o tempo... O antropólogo Luiz Marins, ao sugerir que observemos o pêndulo do relógio, pergunta: - Ele vai e volta ou ele vai para um lado e vai para o outro? Até eu terminar de escrever esta crônica eu espero que surja alguma possível resposta, mesmo que provisória.

Impossível não lembrar aqui do que escreveu Roberto Pompeu de Toledo: “Quem teve a ideia de cortar o tempo em fatias, a que se deu o nome de ano, foi um indivíduo genial. [...] entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez.” Esta frase, erroneamente atribuída a Carlos Drummond de Andrade, pode justificar a vantagem de fazermos aniversário.

No sentido que o autor coloca, ao desejarmos feliz aniversário para alguém, na verdade, estaríamos desejando um “Feliz você novo”. Martha Medeiros propõe esta ideia destacando que, por mais que na nova idade tudo pareça igualzinho, podemos renovar nossos pensamentos e acreditar que a nova idade será palco do melhor ano da nossa vida, até porque será o ano que estaremos vivendo. Assim, todas as idades e fases da vida que estivermos vivendo podem ser as melhores (ou não).

A cada aniversário que completamos vamos acumulando



novas fases e não substituindo uma por outra. Assim, é possível que continuemos mantendo as fases anteriores vivas dentro de nós, de forma que a criança, o adolescente e o adulto jovem que fomos um dia poderão ter suas qualidades reeditadas em determinados momentos e, por vezes, poderão até mesmo dialogar. O que será que a Marilise de oito anos diria para a Marilise de hoje? E se pudéssemos prever, o que será que a Marilise de cem anos diria para a Marilise de quase cinquenta? Ah, eu aprenderia muito se eu pudesse ouvir estas conversas.

Voltando ao pêndulo do relógio, decidi pensar que ele só vai. Vai para um lado, e vai para o outro, da mesma forma que sempre ando em sentido único: para frente. O que volta todo ano, conforme diz a etimologia da palavra aniversário, é somente o nome e número do mês e do dia, mas não do ano. E o que são os anos? Será que deveríamos mensurar nossa idade em anos? Faço aniversário no mês de maio, mas quando alguém, no início do ano, me pergunta quantos anos eu tenho, já respondo com a idade nova. Se for para arredondar, prefiro os números maiores, pois assim pensam que estou mais “conservada.” E só isso já seria motivo suficiente para comemoração.

Mas podemos, também, escapar da comemoração, escondendo esta data ou viajando, por exemplo. Mas não podemos nos esconder do nosso aniversário... Então, é melhor comemorar, nem que seja como uma desculpa para reunirmos a família e os amigos, comer bolo, apagar as velas enquanto fazemos pedidos, e receber presentes. Segundo algumas tradições, isto tudo não é só para diversão e entrosamento. Para os gregos, o bolo simbolizava a lua, que era a forma da Artemis, Deusa da caça, se manifestar, iluminando as noites. Já as velas, na crença popular, são dotadas de magia especial para atender pedidos. Para completar, os presentes e uma refeição melhorada funcionavam como proteção ao aniversariante, pois ajudavam a invo-



car os espíritos bons.

Se isso tudo for verdade, quero fazer como na Rússia, onde muitos comemoram a data do aniversário duas vezes por ano. A justificativa para isso é que, se a pessoa tem nome de santo, ela deve comemorar o dia do seu nascimento e, também, o dia do seu santo padroeiro. Mas o melhor de tudo não seria repetir o bolo, as velas e os presentes, mas ser acordada, novamente, ao amanhecer, ao som da voz dos meus pais e irmãos cantando: Marizinha, queridinha Marizinha, queridinha, ... Claro que não poderiam faltar os beijos, as afofadas, o presente, o cartão e o café na cama. Obrigada vida, por eu poder repetir isso, hoje, com o meu marido e os meus filhos.

Por fim, para que possamos sempre ter motivos para comemorar, precisamos realizar projetos de curto, médio e longo prazo, praticar atividades físicas e comer pouco. Simples, assim. Estudiosos chegam a afirmar que, ao incrementarmos estas “normas” na nossa vida, poderemos até ficar mais jovens na medida que “envelhecemos”. Vamos, então, renovar os contratos com a gente mesmo, fazendo com que tenhamos sempre mais coisas para agradecer do que para pedir. Sempre mais para comemorar do que para lamentar.

Mas, e afinal? Ao completarmos mais um ano de vida devemos contabilizar um ano a mais ou, na realidade, estamos diminuindo um ano na nossa expectativa de vida? A resposta a esta pergunta dependerá do nosso ponto de vista: se está focado no passado ou no futuro. Para Wilber, um dos meus pensadores preferidos, “Todo o Tempo é Agora. Disso se segue que o passado e o futuro são ilusões, e que a única realidade é a Realidade Presente.” E que “presente” que pode ser este Presente...



# O cara

Lisete Lütz Biazzi

Nas agruras e dificuldades dos relacionamentos, os homens têm alguns conceitos de nós, mulheres. Eles acreditam que pensamos demais e isto os assusta. Pensam que estamos atentas no cotidiano das relações, que temos uma “memória feminina” para detalhes, sem saber se isso é biológico ou cultural. Somos um “bicho estranho” que vê coisas que eles, homens, não veem. Por vezes, classificam nossa memória de avassaladora por podermos descrever lugares, cenários, roupas e mesmo cheiros nos seus mínimos detalhes e até alguns anos depois.

Somando tanto “poder”, descobrimos coisas pelas estatísticas que nos dão ainda mais status. Por exemplo: as mulheres saem de um casamento por causa delas, e os homens, por causa de outra mulher.

Consideradas verdadeiras Fênix, choramos por três semanas, procuramos terapia, massagem, tarô e até para nossa manicure derramamos nossas mágoas. Logo após saímos mara-vi-lho-sas da triste situação e isso, creio eu, é porque temos o enorme poder de olharmos para dentro de nós mesmas.

Mas, depois de descrever tão detalhadamente esta força invisível, essa autonomia toda, me pergunto: o que realmente assusta as mulheres? Segundo o filósofo Felipe Pondé, nos assusta perceber e ter que admitir sensibilidades nos nossos parceiros. Nos assusta ter que lidar com algum tipo de tristeza ou com a falta da chamada “potência masculina”. Se isso aparecer em situações públicas, então, desorienta a companheira. Um





homem que mostra fraquezas destrói todo um discurso e parece se acuar diante de um relacionamento. Seria esse um dos motivos de constantes “discussões da relação”? Seria esse um dos motivos de mal-estar entre casais? Diante disso, o filósofo brinca: investir e salvar a família através de terapia é mais barato do que investir em uma nova relação ou uma nova família.

Porém, é preciso entender que as pessoas não mudam na sua essência, e a escolha do parceiro, feita lá atrás, vai ser a mesma para sempre. Se você casou com o João, ele nunca vai ser José. O problema está em as pessoas fantasiarem, ao longo da relação, que seu companheiro ou companheira será muito mais do que realmente é. A filósofa Márcia Tiburi define da seguinte maneira: um livro, quando está pronto, está pronto. Não adianta ter expectativas de que ele poderá ter mais páginas.

Será que querer um mundo em que, nas relações a dois, um complete as faltas do outro é sonhar alto demais? Até por que nos dias de hoje está démodé ser “o cara”. Ou será este o tão sonhado equilíbrio que as pessoas procuram para suas vidas?



# Por que não construímos pontes?

Sônia Maria Ferreira Loguércio

Nasci e cresci em Pelotas, mas confesso que muito me custou entender e aceitar o quê, sempre, me pareceu esnobismo. Aquilo de ser “filha de” ou “sobrinha de”, algumas vezes até “afilhada de” fez com que minha vontade de voar dali para outras paragens crescesse conforme ia crescendo em idade. Resido longe de Pelotas há mais de 35 anos, destes um pouco mais de 20 aqui em Passo Fundo. E, por mais incrível que possa parecer, foi Passo Fundo que me fez entender e valorizar o significado de ser pelotense.

Na Pelotas em que cresci, havia o Colégio São José para meninas e o Colégio Gonzaga para meninos, ambos “top de linha”. Havia o Colégio Municipal, onde era necessário ser aprovado em uma espécie de vestibular para poder frequentá-lo e havia a Escola Técnica Federal, a melhor do Brasil. Qualquer das escolas era “a melhor”. Rivalidade só em jogos ou com a apresentação das bandas marciais, mas isto na cidade, pois quando se apresentavam fora, faziam bater o coração de cada pelotense com o maior orgulho: a nossa banda! Confesso que era mais fã da banda do Gonzaga, embora meus amigos Kleiton e Kledir tocassem na banda da Escola Técnica. Praia melhor que o Laranjal não existe, mesmo que grande parte dos pelotenses passe o verão em Punta del Este ou no Cassino. Um dia me disseram que existem inúmeros CTGs em Passo Fundo; em Pelotas, até em letra de música nativista se sabe, tem a União Gaúcha Simões Lopes Neto e, embora, hoje, existam alguns outros Centros de Tradição nos bairros, ela segue sendo o ícone, a



referência. O melhor Grande Prêmio de Turfe é o Princesa do Sul. Jornais podem haver vários, mas o jornal do pelotense é o bom e velho Diário Popular deixado nas caixas de correspondência ou debaixo das portas nas primeiras horas da manhã. Tudo em Pelotas é “o melhor” para os pelotenses. Como diz meu irmão Sérgio: é coisa de primeiro mundo! Esnobismo, ou seja lá o que for, achando que lá tudo é melhor, ao menos todos puxam para o mesmo lado. E o que percebi em Passo Fundo, desde que aqui cheguei, é que existe um lado A e um lado B, e quando se está de um lado, não se pode estar de outro. É uma rádio ou outra, um jornal ou outro, uma universidade ou outra. Nos primórdios pelotenses havia a Universidade Católica e a Universidade Federal (que era chamada a Leiga), as melhores do Brasil na opinião de todos. Buffets, minha grande amiga Eva Lisete Biazzi, havia e ainda há vários... Mestre Jesus, Irene Viana, Dudu... qualquer um deles é o melhor do Brasil na opinião dos nativos.

Mas não estou aqui querendo fazer apologia às maravilhas pelotenses. Tudo isso me veio ao pensamento com o cancelamento da Jornada de Literatura. Lembrei da Mosaico, a mostra de arquitetura que ajudei a realizar em 2001 e que foi a primeira e única justamente por situações que se criaram em função deste “estar de um lado ou de outro”. Lembrei de nosso empenho, meu e da Lisete, ao ajudar a Tânia na 1ª Jornada Gastronômica. Lembrei de nossa reunião com o prefeito Luciano, Lisete, eu e Tânia, para tentar ajudar a viabilizar a construção de um Centro de Eventos em Passo Fundo. Tudo parece afundar neste rio que separa o lado A do lado B. Perdoem-me os nativos, sei que não nasci no Boqueirão, mas escolhi esta terra para viver e acho que um pouco de direito tenho de manifestar minha opinião.

O que venho me perguntando é: por que não construímos pontes sobre os rios? Desde os primórdios da humanidade



o homem buscou maneira de ultrapassar obstáculos e buscou inspiração nos troncos que tombavam sobre os rios para desenvolver o conhecimento na construção de pontes. Precisamos de pontes que unam o A, o B e todas as letras do alfabeto se preciso for. Vamos dar as mãos e trabalhar juntos, pois Passo Fundo é maior que qualquer um de nós. E que possamos dizer sobre este lugar o que disse um amigo meu sobre sua cidade: “quando quero me exibir, digo que nasci lá!”



# Coisas do amor

Monique Maciel Schmitz

Ontem, 12 de junho, celebramos o dia dos namorados, um dia exclusivo para celebrar o amor. Tal data surgiu no ano de 1948, ideia de um comerciante paulista, que notou que no mês de junho as vendas ficavam em baixa.

A estratégia para vendas surtiu efeito com o slogan “não é só com beijos que se prova o amor”, o que alavancou as vendas da loja e criou a tradicional troca de presentes da data.

Eu concordo com o slogan criado na época, porém nos tempos modernos o dinheiro contabilizou o amor, dando fim ao seu mistério.

Hoje em dia há urgência em ser amado, sonhando com o amor, perseguindo-o, roubando-o ou se doando a ele. O importante é ser de alguém e ter alguém, independentemente de como foi conquistado.

O amor virou jogo, virou falsidade, dizer “eu te amo” virou “bom dia”, brincar com sentimentos virou rotina.

A palavra amor origina-se do latim e pode ser compreendido a como o carinho e afeto que uma pessoa pode fazer brotar por outra, tendo apenas a disposição de demonstrá-lo.

Amor não é uma questão de linguagem, de teoria, mas de prática. É um fato inevitável, não sabemos quando vai começar e acabar, apenas temos que vivê-lo.



O jornalista e escritor Arnaldo Jabor já disse outro dia: “amar exige coragem e hoje somos todos covardes”. Mas por quê, se o amor só deveria nos trazer felicidade e bem-estar? O amor serve para vivenciarmos a liberdade de querer estar com alguém por vontade própria e gostar desta pessoa mesmo conhecendo todos os seus defeitos. É como ter todos os dias outras opções, e ainda fazer a mesma escolha.

O amor não pode te segurar, te privar, te manipular. Amar é respeitar opiniões, gostos e até mesmo as atitudes, é aceitar que ninguém é perfeito e, mesmo assim, achar aquela outra pessoa incrível, perfeita pra você.

Amor é, por fim, o que só tu entendes.



# La última noche

Mariana Lütz Biazi

A orquestra Buena Vista Social Club dispensa apresentações. Um marco na história da música cubana, o grupo, que teve o início da sua história em 1940, está se despedindo do seu público.

Havia, em Havana, um espaço onde os músicos da cidade se reuniam para tocar. O local era, também, aberto ao público, que, além de ouvir a boa música, se arriscava na pista de dança. Surgia, assim, o Buena Vista Social Club, um clube de música na capital cubana. Contudo, o clube veio a fechar poucos anos depois, deixando um grande número de amantes da música “desabrigados”. Muitos desses artistas permaneceram, por muito tempo, no ostracismo. Afastados da cena musical, para muitos, a música passou a existir apenas nas suas melhores memórias. Algumas décadas depois, numa atitude saudosista, o músico cubano Juan Marcos González, com o apoio do guitarrista americano Ry Cooder, teve a ideia de reunir os amigos daquela época. Assim, surgiu o que hoje conhecemos como um dos mais populares grupos de música latina. Anos depois, Ry Cooder voltou ao cenário cubano, para gravar com Ibrahim Ferrer, um dos líderes do grupo, mas, dessa vez, não estava sozinho. O cineasta Wim Wenders o acompanhava e estava pronto para documentar a ocasião. O resultado foi um premiado documentário – mais de dez prêmios internacionais e uma indicação ao Oscar – que excluiu a terrível possibilidade de envelhecer e cair no esquecimento, a qual uma série de extraordinários músicos estavam fadados. O documentário, além de retratar as histórias



dos personagens, os seguiu na sua primeira turnê internacional, de dois shows: o primeiro em Amsterdam e o segundo – e último – no Carnegie Hall, em Nova York. Entretanto, a melhor viagem, segundo consta, foi no tempo. Através de lembranças e daquilo que a música possibilita reviver, Wenders foi capaz de fazer renascer um país e uma cultura no coração das plateias de Havana e do resto do mundo.

Infelizmente, dezesseis anos depois, é chegada, enfim, a hora de dizer adeus. 2015 é o ano que marca a despedida dos veteranos dos palcos. A turnê “adiós tour” passou pelo Brasil em maio. Em Porto Alegre, no Auditório Araújo Vianna, o que se viu foi uma emocionada e emocionante despedida. O grupo, embora desfalcado – já foram oito dolorosas perdas –, mantém incólume suas marcas registradas: a sonoridade e a alegria. O show, comandado pela irreverência latina, é uma linda homenagem de Omara, estrela maior da noite, e seus companheiros àqueles que já se foram. Como uma ode à amizade, o espetáculo, de início intimista, se transforma em uma alegre celebração e uma aula de vigor. Vida longa aos embaixadores da música cubana! E, por tudo isso, ¡gracias, Buena Vista Social Club!





# O Carnaval do tatu bêbado

Sônia Maria Ferreira Loguércio

Quão chuvoso foi aquele carnaval de alguns anos atrás em que meus primos vieram passar conosco e trouxeram um casal de amigos nossos.

E, com a chuva caindo lá fora, tudo o que nos ocorria para fazer envolvia panelas e ingredientes, de tal forma que nossa amiga Ana ressaltou no dia em que se despediram: “em todas as fotos que tiramos aqui, estávamos em volta da mesa”.

Minha prima Gi me sugeriu ao pé de ouvido que dissesse ao Beto que, um dia, a cozinha ficaria por conta dele e que, com certeza, ele diria que iria preparar o tatu bêbado. Foram dois dias ouvindo a história da receita, como ele iria preparar, ida ao supermercado, o segredo dos ingredientes....a cada momento, a história ganhava mais elementos, pois uma das características do casal Beto/Ana era discutir por cada mínimo detalhe. Até para escolher que sabor de pizza pedir eles levavam quase uma hora discutindo. Dizem que, certa feita, em um bar na Espanha, eles discutiram tanto que, de repente, o atendente sumiu por trás do balcão. Olharam em volta e não o encontraram. Foi quando o Beto se debruçou sobre o balcão e o rapaz estava ajoelhado pedindo :”Senhor, dai forças para este homem aguentar esta mulher”. Este e muitos outros “causos” foram sendo lembrados na expectativa do tal “tatu bêbado”.

Até o tio Mena convidamos para abrilhantar a noite com seu bandoneon e inventamos fantasias...afinal, era carnaval.



E, em meio à muita risada, afinal provamos o tal tatu bêbado, do qual nem recorro mais o sabor ou mesmo se pedi a receita. Recordo sim, com pureza de detalhes, os momentos que vivemos naqueles dias chuvosos na companhia de pessoas tão especiais. Recordo aquele colorado fanático que era o Beto, indignado com nosso amigo Toninho por também ser colorado e ter um filho gremista. E recordo com muito mais emoção, hoje, quando sei que o Beto nos deixou de repente, sem avisar, sem dar uma pista que nos fizesse deixar de lado tanta coisa sem importância que nos prende e não nos deixa estar mais perto daqueles que fazem a nossa vida ter mais sentido.

Assisti à entrevista de uma geriatra falando sobre os maiores arrependimentos das pessoas quando sentem que a morte se aproxima e todas elas, manifestam o pesar por não ter trabalhado menos e vivido mais. Corremos atrás de coisas e esquecemos de correr para perto das pessoas, de conviver mais, de rir mais, de ser mais.

Naquele carnaval, poderíamos ter programado uma viagem para alguma praia da moda ou mesmo para outro país.... essas coisas que o dinheiro pode proporcionar. No entanto, ficamos em casa, em volta de uma mesa, comendo, compartilhando um bom vinho, rindo das histórias que lembrávamos, jogando peteleco, lendo ou mesmo assistindo TV. Mas, acima de tudo, fomos, imensamente felizes na companhia uns dos outros.

É isso que fica....é isso que vale!



# QI & QE

Marilise Brockstedt Lech

Em tempos em que a abreviatura “QI” faz lembrar mais de “Quem Indica” do que “Quociente Intelectual”, cabe aprofundar os conhecimentos e as reflexões sobre a teoria da Inteligência Emocional, que forma o nosso QE - Quociente Emocional. E esta é uma das grandes dúvidas que paira sobre este tema: é possível educar nossas emoções?

Jean-Paul Sartre, ao esboçar uma teoria das emoções, apontou que estudos de psicologia poderiam ser insuficientes para explicar o estar-no-mundo emotivamente e que, para fazê-lo, seria necessário recorrer à fenomenologia, afinal, as emoções são fenômenos e não fatos. Será que o físico Isaac Newton explicaria a atração afetiva de corpos humanos, por exemplo? Sartre considera que não, pois essa atração não pode ser explicada, apenas sentida.

Mas se nem podem sequer serem explicadas, poderiam as emoções serem educadas? O psicólogo norte-americano Daniel Goleman defende que a partir do nascimento a criança começa a aprender as noções básicas do coração e que essa construção do QE - Quociente Emocional - ocorre por toda a vida. Isso acontece basicamente por meio das relações humanas, desde que manifestemos a força dos “instrumentos” necessários para se ter uma vida emocionalmente estruturada e feliz. Para este autor, tais instrumentos são o autoconhecimento, o autocontrole, a automotivação, a socialização e a empatia. Assino embaixo.



O desenvolvimento dessas qualidades não depende somente de adquirirmos conhecimentos em nível intelectual, mas também em nível afetivo e isso acontece ao estabelecermos relações construtivas com pessoas disponíveis para o diálogo e que nos ajudem a reconhecer e nominar os sentimentos positivos e negativos, próprios e alheios.

A aceitação dos sentimentos negativos, como a raiva, o medo e a tristeza, permite que se possa verbalizá-los e até mesmo vivenciá-los de forma natural e não destrutiva, ao invés de reprimi-los ou negá-los, visto que fazem parte da vida. Se as ditas energias negativas não forem bem identificadas, elaboradas e canalizadas, poderão até mesmo ser somatizadas, transformando-se em doenças do corpo. Esse difícil, porém possível processo de “usinagem” dos sentimentos, pode ser considerado uma arte e é o que nos ajuda a ser mais resilientes, entusiasmados e de bem com a vida, enfim, mais inteligentes emocionais.

Além disso, é preciso lembrar do amor. Na medida em que amamos e expressamos o amor através de nossa corporeidade, que, segundo o fenomenólogo francês Merleau-Ponty, é o nosso modo de ser e estar no mundo, estabelecemos relações mais inteligentes. Assim, o amor não pode ser só um sentimento; deve, sim, ser expressado através do abraço, do gesto solidário, mas, acima de tudo, pela aceitação do outro como um legítimo outro, mesmo frente às diferenças. E quem diz isso é um dos amores da minha vida, o escritor e biólogo chileno Humberto Maturana. Assino embaixo, de novo.

Por fim, ter um bom QE é tão importante quanto ter um bom QI. De nada adiantaria termos vastos conhecimentos científicos ou mesmo sobre os saberes do cotidiano se não fôssemos capazes de aplicá-los no nosso dia a dia, em prol do próprio bem, do bem ao próximo e de toda humanidade. O equilíbrio



entre esses dois tipos de inteligência é o que nos dará a possibilidade de termos sucesso pessoal e profissional, base que são da dita felicidade humana. E se concordar, assine embaixo, mas não sem antes refletir sobre como andam os seus cinco instrumentos definidos por Goleman.



# As vítimas da corrupção das vítimas

Alessandra Zanatta

“O Estado está em greve!”; “Mobilizações, cortes nos repasses na área da saúde e atendimentos pelo Sistema Único de Saúde não acontecem em muitos hospitais do estado”; comentários nas ruas, no cabeleireiro, no grupo de amigas de que a crise está aumentando; estradas sem condições de trafegabilidade; professores reivindicando melhores condições de trabalho e mais segurança nas escolas.

Eu fico impressionada de ver como a cada dia que passa as pessoas são capazes de nos decepcionar de formas diferentes. Alguns dias atrás, no Papo de Evas na Rádio Diário da Manhã AM, estávamos discutindo a corrupção e foi comentado sobre como cometemos pequenos delitos sem mesmo percebermos (ou nos importarmos com isso), e essa frase passou alguns dias queimando em meus pensamentos.

É muito fácil passarmos a vida atrás de reclamações na frente de quem convém e “meras concordâncias” quando “necessário à política de boa vizinhança”. Chegamos a essa ideia há tanto tempo, batemos tanto nela que ela perdeu o sentido. E quando praticamos qualquer ato reprovável somos consolados pela ideia de que “eu não faço mal pra ninguém” (nessas horas vale até dizer que só quem faz o mal é quem mata e rouba).

Para todas as pessoas desse nosso Brasil (e do mundo, para quem achar que estou querendo dizer que a corrupção só existe no Brasil), toda a vez que você sentir raiva de uma notícia que assistiu na TV, sentir ódio e mesmo vontade de destruir a



pessoa que praticou algum tipo de corrupção, guarde essa raiva.

Preste atenção no seu dia, em todas as vezes que você pratica um ato que pode prejudicar a população em geral (sem ter uma vítima específica), como quando você sonega impostos, usa de influência para furar a fila de algum lugar, fica com o troco que recebeu a mais ou mesmo pede, por exemplo, Assistência Judiciária Gratuita sem necessitar (o fato de não fazer nenhum dos itens listado não faz da roupa de ninguém algo limpo).

Assim que você perceber que fez alguma dessas coisas, olhe no espelho, desconte a sua raiva em quem fez mal à sociedade, em quem se utilizou de uma facilidade que lhe foi posta para benefício próprio em detrimento do Estado, do povo, dele mesmo!

Tomemos cuidado, caro leitor, também precisamos limpar o nosso quarto para termos uma casa limpa.



# Dolce far niente

Lisete Lütz Biazzi

Em 2011, com o objetivo de trazer para Passo Fundo um seminário sobre o chamado “mercado de luxo”, uma promotora de eventos de uma grande cidade do país me procurou. Intrigada com a ideia, a partir desse contato, passei a pensar no assunto e em um primeiro momento, aparentemente, a mais óbvia definição de luxo foi a que se apresentou. Assim, pensei em objetos de desejo, advindos de um mercado milionário, como sapatos de Christian Louboutin, roupas assinadas por Diane von Furstenberg ou bolsas Chanel. Ferraris e Lamborghinis. Joias da Tiffany, compradas na matriz, na 5th Avenue, é claro! Falo de um universo restrito, embora parte da lista de desejos de meros mortais.

Contudo, luxo, de acordo com a sua etimologia, tem a mesma raiz da palavra luz – lux. Ou seja, é algo que resplandece e se destaca dentre objetos e experiências que aparecem todos os dias em nossas vidas. É natural que ao ter um bom carro, roupas bem cortadas e um lindo anel fiquemos mais confiantes. Todavia, essas peças, por si, não têm história. Objeto bom é objeto que carrega significado. Roupas que, ao serem procuradas no armário, nos provoquem um sorriso pelas lembranças dos momentos em que já as vestimos. O carro que nos recorda do quanto batalhamos para tê-lo. E as joias – sejam elas de ouro ou plaqué – que fazem recordar o par de olhos que nos fitava diante da surpresa da caixinha. Luxo, dessa maneira, nada tem a ver com objetos. Mesmo que obtenhamos através deles uma deliciosa satisfação, são as conquistas que trazem graça à nossa





caminhada.

Cada um tem a sua definição de luxo, que varia, também, de acordo com cada idade e época. No meu tempo – século passado, como as Evas brincam! –, ostentação era uma reunião dançante regada a guaraná. Para a geração da minha filha, era falar ao telefone com as amigas sem pressa e muito menos preocupação com a conta no final do mês. Já a geração de hoje, celulares de última geração. Objetos de luxo? Sim, porém, em uma visão otimista, objetos que os aproximam dos seus iguais.

Hoje, com maturidade, é tão bom olhar para trás. Por isso afirmo que o que vale são as vivências, as histórias e experiências que podemos dividir e acumular ao longo da nossa caminhada. É poder assistir a formatura dos filhos, sentir o gosto de cumprir uma missão, da realização de um sonho, do prazer de assegurar o futuro daquela pessoa que você colocou no mundo. Luxo é não ter apenas crédito, mas credibilidade. É poder entrar em contato com as artes (música, cinema, literatura, teatro, arquitetura, pintura) e fazer desse contato uma experiência de vida. É ter liberdade de ir e vir. É ter a oportunidade de preparar um jantarzinho e se cercar de pessoas que te fazem rir, sem hora para levantar da mesa, sorvendo gole a gole tão agradável companhia. E por fim um dos mais aclamados por aqueles que trabalham de segunda a segunda, o luxo de ter um dia só seu e se entregar ao “dolce far niente”, sem culpa nenhuma.



# Quando a união faz a força

Monique Maciel Schmitz

“A união faz a força” e “uma só andorinha não faz verão” não são somente ditados populares, mas sim uma realidade que faz diferença.

Seguidamente a vida nos coloca diante de vários obstáculos, que machucam nossos dias, que ferem nossa felicidade. É aí, nesse estado de dificuldade, que temos de encontrar forças para seguir em frente! Até porque não tem outro jeito. Será preciso lutar, virar o maior guerreiro de todos os tempos e ultrapassar essa barreira que anda brincando com nossa existência.

Não é fácil quando nos vemos aflitos em um mar bravo de dificuldades, sem saber o que fazer, tendo nossas forças diminuídas, sem chances de serem superadas. Em momentos assim, ter alguém por perto para nos incentivar a continuar sempre torna os desafios mais leves.

Ao juntarmos nossos sonhos e expectativas aos de outras pessoas, tudo se torna mais forte, iluminado, e por mais escuro que o mundo pareça ser, quando há união acontecem milagres extraordinários. Ao nos unirmos a amigos e/ou familiares, com a colaboração e cooperação mútua, conseguimos, com certeza, afastar a escuridão e todos os problemas que possam afligir nossa vida.

E essa união vale tanto para uma companhia para ir à academia quanto para enfrentar a dor da perda de um ente



querido. Passar por determinadas situações sentindo-se apoiado por um amigo ou por vários, nos faz perceber que nossas dificuldades podem ser superadas.

O fato é que deveríamos ter esta consciência do quanto podemos realizar somando forças em relação aos nossos objetivos comuns em sociedade sempre e não somente quando estamos já nos perdendo pelos caminhos.

Pois onde há união, há amor, confiança e alegria. Há solidariedade, comprometimento e ajuda.

Portanto, não espere a dor ou a morte para que o sentimento de união surja em você. Por mais corrida que a vida é, sempre há um tempinho para uma palavra amiga, um conselho, um pouco de atenção e carinho com o próximo.



# Priceless

Sônia Maria Ferreira Loguercio

Uma amiga americana diz que sou “priceless” para ela. Aí me vejo a pensar neste termo usado por lá, cujo significado vai muito além da tradução literal. Mais ou menos como nossa palavrinha “saudade”, de tanto significado e tão difícil tradução.

Toca meu coração pensar que posso ser “priceless” para alguém que não vejo há mais de 40 anos. Por outro lado, penso que o que vivemos naquele ano em que fomos colegas de High School só pode ser qualificado como “priceless” pelo fato de ter bastado para manter vivo um sentimento através do tempo. E o mais incrível é que as lembranças que tenho de nossa convivência se resumem ao fato de termos armários vizinhos na escola. Aliás, o armário ao lado nem era o dela, era o de seu namorado e, hoje, marido, que eu chamava de Rollie tiklish. O que me faz pensar que “priceless” é aquilo que vivemos, sentimos e não temos realmente consciência de sua importância. Talvez devêssemos, pois, a cada momento, estamos tocando a vida de alguém de alguma forma, mas aí, quem sabe, o “priceless” perdesse o sentido.

“Priceless” não é o “não tem preço” que nos vem associado à propaganda de cartão de crédito. É muito mais... é algo raro, precioso, que tem a ver com vida, com gente, com sentimento.

“Priceless” é encontrar o chef Juarez Campos, que conhecemos há dois anos e, desde então, não nos víamos e sermos acolhidas, Lisete e eu, em um carinhoso abraço daquele gordinho fantástico que só repetia: “minhas meninas!”



“Priceless” foi ouvir de todo o pessoal da revista Prazeres da Mesa lá em Porto Alegre que a melhor festa da qual já participaram foi a da cuca com linguiça que a eles oferecemos aqui em Passo Fundo.

“Priceless” é caminhar na praça, porque, mesmo que me pareça corriqueiro e sem importância, pode estar acontecendo algo que me tocará tão profundamente que, um dia, tal qual minha amiga Denise Rose, me fará recordar como um momento especial.

“Priceless” é atender ao telefone e perceber que o Diogo mudou de voz e aí ficar me perguntando em que momento ele deixou de ser aquele menino/moleque para se transformar num adolescente menos irriquieto.

“Priceless” é receber, através de um mensageiro, um abraço de um menino que foi meu aluno numa escolinha de arte há trinta e poucos anos lá por Panambi.

E já que estamos no final de semana do dia dos pais, “priceless”, para mim, são os raros momentos em que ainda percebo, por um brilho no olhar, que meu pai me reconhece.

Feliz dia, então, a vocês, que, como o meu, sabem ser pais. Pois, saber ser é muito mais que ser. É valorizar cada momento vivido com um filho, cada palavra dita, cada beijo dado mesmo que ele esteja adormecido, cada experiência compartilhada, pois não se pode precisar o exato instante em que algo o marcará de tal forma que ficará para sempre gravado como “priceless”.



# Precisamos falar sobre o Adílio

Mariana Lütz Biazzi

Quase como cantou Chico Buarque, Adílio Cabral dos Santos morreu na contramão atrapalhando a terça-feira. O vendedor ambulante foi atingido, na estação de Madureira, no Rio de Janeiro, por um trem. Vendia, dentro dos vagões, balas e doces e, para não ter sua mercadoria apreendida pela fiscalização, atravessar os trilhos era hábito comum – e ainda é – entre seus colegas de profissão. Foi nessa travessia que Adílio perdeu a vida e nós, seus semelhantes, um pouco da nossa dignidade.

Após o acidente que, segundo infames comentários que li na internet, deu o azar de acontecer perto do horário de pico, tudo parecia igual na estação, exceto pelo fato de ter um corpo estendido no chão. Mas quem liga para isso, não é mesmo? A SuperVia, operadora do serviço de trens urbanos, ao menos, parece não ligar. A ordem foi para que, atendendo os cerca de 6.000 passageiros que estavam na estação no momento e os outros 200.000 que costumam utilizar as plataformas entre 17 e 20 horas, as operações continuassem. Foi assim que, de fato, passaram por cima de Adílio. O segundo trem, autorizado a ignorar o acontecido e continuar o seu trajeto, transformou um acidente em uma atrocidade.

SuperVia, a empresa, responde pelo acontecido, mas empresas são feitas de pessoas e é daí que vem o estarecimento. O meu, pelo menos. Blindados por ordens de superiores e temerosos pelas possíveis consequências de quem se nega a cumpri-las, maquinistas e quem mais quer que seja fecharam os olhos e seguiram seu caminho. Os usuários dos trens, agora cúmplices, calaram-se – “imagina que chato chegar em casa uma hora depois do programado!” – e, assim, milhares de pessoas, em uma atitude reveladora dos modos de agir e pensar do nosso



país, confirmaram o que vem sendo discutido há algum tempo: estamos, sim, em crise. Crise financeira, alguns bradam, mas, infelizmente, para muito além dos cofres, nossa crise versa sobre valores. Silvia Bleichmar, psicanalista argentina, já conhecida de quem acompanha o Papo de Evas, diz que a violência não deriva da pobreza, mas, sim, da forma como se desconstrói a noção de semelhante. E existe pobreza pior que essa?

Nesse triste e repugnante episódio, limites foram ultrapassados e o que temos de mais valioso foi, de forma cruel, reduzido a nada. Fico me perguntando quando e onde foi que se perdeu a tão importante capacidade de se colocar no lugar do outro? Mas será que esses sujeitos incapazes de se solidarizar com a dor alheia são sujeitos que têm as suas dores consideradas por alguém? Diante de tudo isso, não há nada que possamos fazer para amenizar a dor da família de Adílio, mas, enquanto sociedade, temos o dever de parar para pensar sobre os rumos que estamos tomando. Mas enquanto isso não for feito, seguimos, todos nós, agonizando no meio do passeio público.



# (R)Evolução da consciência humana

Marilise Brockstedt Lech

A sociedade humana vive, em cada uma de suas diferentes eras, crises que as caracterizam e as impulsionam para a natural e esperada evolução. Nos dias de hoje estão evidentes a crise ética, política, de relacionamentos, da violência, de doenças psíquicas, das drogas,... muitas das quais podem ser decorrentes do aumento da população, da urbanização, da competição, da ambição desenfreada, do consumismo, da velocidade das mudanças ocorridas nas últimas décadas, etcétera, etcétera, etcétera

A partir de um olhar pela perspectiva do momento presente, tem-se a ideia de que tudo está piorando. Contudo, cabe considerar que as pessoas estão começando, finalmente, não somente a tomar consciência dos problemas, mas a ter menos tolerância e a se indignar com eles e com as pessoas e condições que os acentuam. O que por um lado parece ser ruim para os relacionamentos como a intolerância, por exemplo, e ruim para a sociedade em geral, como o desvanecimento das hierarquias, pode estar trazendo à tona esta crise que ora vivenciamos.

Em uma visão quase patologicamente otimista, mas não isenta de conhecimentos da história do desenvolvimento da humanidade, acredito que, aos poucos, estamos passando a enxergar o mundo de uma maneira mais clara. Será que estamos entrando na era da tão esperada revolução da consciência humana? Depois de vivenciarmos a revolução das artes, das ciências, da indústria e da tecnologia, finalmente temos sinais de que estamos iniciando a revolução da consciência humana, a





qual marcará a transição para o novo milênio, de forma que só daqui a algumas décadas poderá ser avaliada.

Sem devaneios, ousou dizer que já está sendo possível perceber certos sinais dessa revolução que iniciou, lentamente, em meados do século passado: maior atenção ao meio-ambiente, inclusão social, inclusão digital, educação inclusiva, facilidades aos idosos, ensino baseado em projetos educativos e cooperativos que visam formar os alunos mais preparados para exercerem a cidadania e não somente voltado para transmitir-lhes conhecimentos prontos, como se fazia na escola tradicional.

É possível perceber, ainda, uma maior aceitação das diversidades de gênero, raça, religião, e uma maior capacidade crítica frente à corrupção, por exemplo, o que faz aumentar a crise nacional, mas quiçá, por outro lado, pode estar aumentando a chance de se fazer a “limpeza” necessária e urgente que deve iniciar, é bom lembrar, pela ética individual que se encerra em uma ética coletiva e que se caracteriza por um olhar mais ecológico, menos egoísta e mais cuidador.

Tomo as palavras de Leonardo Boff para esclarecer que ser ético é saber cuidar não somente de nós mesmos, mas também dos outros, das coisas e do nosso planeta, reconhecendo as relações de interdependência entre todas as partes. Enfim, não é só o lixo que precisa ser reciclado, mas os nossos sentimentos também. Não é só de conhecimentos que precisamos, mas de consciência humana também. Não é só de mercadorias que precisamos, mas de educação também. E estava demorando para eu entrar neste assunto... É, não tem outro jeito... Tudo passa pela educação, afinal, como afirmam Paulo Freire e Rubem Alves: educar é humanizar. Sim, a educação é a principal arma da revolução da consciência humana. Sejamos todos soldados! Avante!



# Patriota...

Alessandra Zanatta

Hoje, particularmente, acordei com uma saudade... Pena ela se originar de um misto de tristeza e descrença.

Iniciaram na terça feira, dia 1º de setembro, as comemorações da semana da pátria. Eu, ouvindo as informações sobre hasteamento dos pavilhões, a declaração dos responsáveis pela programação, quem faria a guarda do fogo simbólico, senti uma profunda nostalgia dos tempos de colégio...

Fiz praticamente toda minha formação em escola estadual em uma pequena, mas adorável cidade, chamada Erval Grande, que fica na região do Alto Uruguai.

Durante o ano todo tínhamos o momento cívico e no primeiro dia de setembro as atividades eram ampliadas. Fazíamos apresentações, jogral (muitos não sabem nem o que é isso!), declamações, hasteamento e arriamento dos pavilhões e a guarda do fogo simbólico (era uma honraria ser escolhido, pois somente os mais comportados e disciplinados eram convocados).

Eram duas horas por dupla e não era permitido sentar, conversar, nada que desrespeitasse aquele símbolo. Sol quente, sede e nós lá no meio da praça cheios de orgulho e respeito à convocação, demonstrando patriotismo.

Hoje em dia não sei como estão as coisas por lá, mas fiquei muito triste quando ainda fazia reportagem para a rádio e vi alguns alunos no Parque da Gare, aqui em Passo Fundo,



deitados, comendo e desdenhando a atividade, sem respeito algum.

Mas eu entendo! Como podem agir de forma condizente e valorizar o que estão fazendo se não conhecem a história, não sabem o que são os símbolos nacionais e não aprenderam a ter amor e respeito pelo seu país?

Não quero associar esta reflexão com política partidária, não confundam! Sei também que o momento é crítico, mas este é o lugar onde vivemos e precisamos aprender a não colocar tudo num saco e jogar para cima. Moramos aqui, nascemos aqui, este é o nosso país, a nossa Pátria.

Será que deixamos de ser patriotas e estamos confundindo tudo?

Patriotismo é um sentimento de amor e respeito à Pátria e aos seus símbolos. É o espírito de solidariedade que une as pessoas em torno de interesses comuns em benefício da Pátria. O jurista Miguel Reale define patriotismo: “devoção ou dedicação, orientação das forças do espírito no sentido de bem estar nacional”. O bem-estar da população deve estar acima de interesses ideológicos ou de grupos isolados.

Miguel Reale defende a tese de que “esquecemo-nos frequentemente de ligar cidadania a patriotismo, vocábulos que deveriam andar sempre juntos [...]”. Por esta abordagem, o patriotismo reúne sob a sua definição um valor político e principalmente de senso de justiça. E continua: “[...] não é patriota verdadeiro quem fecha bondosamente os olhos ante comportamentos desabonadores de políticos, ainda que de nossa preferência partidária, e, no plano da vida civil, perante atos desairosos praticados por pessoas ligadas a nosso círculo de amizade. No Brasil, esse risco de não formular um juízo imparcial, por



falso patriotismo, é bem grande, porquanto nos envaidecemos em demasia com nossa capacidade de dar sempre um ‘jeitinho’, condenável quando significa falta de responsabilidade, ou modo astucioso de contornar o dever da verdade e da justiça”. Sei que não vale trocar o sujo pelo mal lavado, portanto não se pode admitir nenhum deles!

Talvez o tempo desse feriado devesse servir para algo mais do que descansar e assistir TV, mas tudo o que posso fazer é falar...



# Em busca de paz

Monique Maciel Schmitz

Como manter-se calado diante das mortes que vêm sendo registradas por conta da crise migratória na Europa e, pior, como aceitar a morte do pequeno Aylan, que virou símbolo dessa tragédia?

Ao olhar para aquela imagem cruel que mostra os horrores do mundo atual, senti uma angústia, uma dor, um desespero de impotência por não poder fazer nada.

Não há como imaginar o desespero do pai daqueles meninos, quando o barco, com sua família e lotado de refugiados, começou a afundar próximo da praia turca. O pai não teve forças para segurar os filhos, que escaparam de suas mãos, tragados pelas águas.

A família Kurdi fugia dos horrores da guerra na Síria, lugar onde viviam um terror diário, vindo pelo céu e pela terra. Aliás, quando Aylan nasceu, a Síria já se encontrava em guerra civil, o menino morreu sem saber como é viver em tempos de paz.

Aquela família estava em busca de um futuro melhor para as suas crianças, que não queriam morrer ou serem mortos como acontece com muitos inocentes na Síria. Aqueles pais queriam viver em um país melhor para criar seus filhos, sem precisar viver reféns do medo, onde poderiam dormir tranquilos, onde seus filhos poderiam jogar bola nas ruas, ir à escola, viver a infância como ela deveria ser vivida.



O mundo não era digno da inocência do pequeno Aylan.

O que aconteceu naquela praia turca não é diferente do que acontece mundo afora. A dor é a mesma. O menino Aylan e tantas outras crianças foram privadas do dom da vida por causa da insanidade humana. Enfrentar o mundo tornou-se um perigo! O desconhecido que antes era um desafio de conquista, hoje virou um desafio de sobrevivência.

É fato que a humanidade está doente, o dinheiro cega, pessoas se mutilam e sentem prazer nisso, a busca pelo poder os faz corromper, cometer crimes inimagináveis, as prioridades e valores estão invertidos. Os governantes estão mergulhados numa soberba sem fim, numa ganância pelo poder e, alimentados pelo ódio, destroem as riquezas de seus países, do seu povo, roubando dele o que puderem, a começar pela condição de um trabalho digno, a esperança de um futuro melhor e inclusive a paz.

Sabemos que não é fácil para ninguém enfrentar grandes dificuldades econômicas e habitacionais num momento de crise, mas é na crise que sabemos quem somos. Pelo próximo é preciso abrir as fronteiras, pois a terra não pertence a ninguém, estamos todos aqui de passagem.

E eu me pergunto: que mundo é esse? É tempo de repensarmos o que mais vale para nós, humanos. Guerras? Lucros? Dinheiro? Ou focarmos na vida e no bem-estar de nossa família e de nossos irmãos?

Que a triste imagem do menino Aylan nos aflore a humanidade, a solidariedade, a compaixão, o compadecimento, que os valores sejam revistos e haja muita esperança, pois se perdermos as esperanças de um mundo melhor, então afundaremos todos. Sem amor e compaixão nada mais terá sentido.



# A hora dos bons!

Sônia Maria Ferreira Loguércio

Não participei da última manifestação do “vem pra rua” e foi justamente por ter participado das duas anteriores. Não quero dizer com isso que esteja conforme com o que acontece em nosso país atualmente, em todas as esferas. Só que, ali, no meio daquela multidão, percebi que nosso grito ecoava no vazio. Falta liderança e, assim, podia-se ver de tudo....desde cartazes com dizeres absurdos, quanto pessoas que mais se importavam em postar selfies nas redes sociais. Sem falar nos que faziam uso do microfone. Isso não desqualificava a manifestação, só a deixava meio sem sentido, sem levar a lugar algum.

Eu cresci durante o período do governo militar e, com toda a censura, nós conseguíamos nos manifestar através do que escreviam, cantavam e pregavam nas entrelinhas os nossos líderes. Meu primeiro voto foi entre MDB e Arena e coloquei na urna o nome de Pedro Simon com o coração cheio de esperança de que algo poderia mudar. E foram muitos anos até que isto acontecesse, mas não esmoreci, como ninguém esmoreceu, porque as lideranças estavam lá para, de alguma forma, nos levar a novos rumos.

Onde estão as lideranças hoje? Alguns daqueles que, outrora, enchiam nossos corações com esperança hoje se arvoram em dar opinião sentados em uma mesa de café nas calçadas de Paris. Caríssimos....assim, até eu!

Está na hora dos bons! Não do mocinho que luta contra o bandido mas daquele que sabe e tem competência. Recor-



do uma conferência, aqui mesmo, no antigo Cine Pampa, na abertura de um Congresso de Aprendizagem quando alguém da plateia pergunta, ao neurologista infantil espanhol, Dr. Ignacio Castroviejo, querendo fazer uma pegadinha, quem deveria tratar os problemas de aprendizagem se o neurologista ou o psiquiatra e ele, como é de seu feitio, respondeu curto e grosso: “aquele que sabe!”

Então, que se apontem aqueles que sabem... “antes que um aventureiro lance mão”. Que se reúnam, que discutam, que apontem caminhos. Existe uma multidão gritando e só vocês podem ajudar a que nossas vozes não se percam no vazio. Já dizia a canção (minhas amigas Evas sempre brincam com minha memória musical) que embalou a juventude dos anos 70 ... “vem, vamos embora que esperar não é saber...quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.

Uma amiga me disse: “vou me candidatar ao Conselho Tutelar, mas todos me dizem que devo proceder dessa ou de outra maneira, caso contrário não me elejo e não gostaria de fazer assim”. Disse a ela que seguisse seu coração. Ela tem o conhecimento e tem a competência. É de gente assim que precisamos, gente pura de coração, que ainda mantém vivos ideais e princípios. Pode demorar, mas com as lideranças certas, nós vamos chegar lá.

Só para usar mais um pouco minha memória musical: “está na hora dessa gente bronzada mostrar seu valor!”





# A arte do encontro

Mariana Lütz Biazi

Vinícius de Moraes já disse que “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”. Foi com essa frase na cabeça que iniciei a leitura de *Um por um: 101 encontros extraordinários*, de Craig Brown. Considerado um dos principais autores satíricos da imprensa britânica, criou, segundo críticas, “uma notável façanha da engenharia narrativa” ao descrever 101 encontros protagonizados por notáveis personalidades do século XIX. Relatar 101 encontros que, de fato, aconteceram ao redor do mundo já é, por si só, uma proeza, mas Brown foi além: usou, em cada descrição, 1001 palavras e, assim, encerrou o livro com exatas 101.101 palavras que passeiam entre a duquesa de Windsor e Adolf Hitler; Elvis Presley e Paul McCartney; Elizabeth Taylor e James Dean.

A inspiração para a obra veio, conforme contou o autor em uma entrevista, do seu ofício de escrever uma resenha semanal de livros na imprensa britânica. Com isso começou a perceber alguns encontros curiosos e a partir daí a fazer anotações e diagramas na tentativa de juntar essas celebridades. No livro, o coadjuvante da primeira história é o personagem principal da segunda e assim, sucessivamente, até que o ciclo se encerre. “Imaginei que seria possível fazer uma espécie de círculo, unindo a primeira pessoa à última. Demorou cinco anos, mas deu certo”, afirmou Brown. E assim surgiu um livro viciante, daqueles que não se consegue parar de ler até chegar ao fim. Igual a quando o Netflix avisa, quando assistimos a nossas séries preferidas, ao fim de um episódio, que o início do próximo



se dará em poucos segundos e não conseguimos apertar o pause. O desejo de chegar ao fim é mais forte do que nós!

Esses encontros, casuais ou não, para nós, leitores, são sempre surpreendentes, uma vez que escancaram situações que fazem de grandes personalidades da ciência, cultura e política mundial “gente como a gente”. Como Oscar Wilde que marcou um jantar com Proust, mas, ao chegar e avistar os pais do comensal, precisou fugir. “Não tive coragem. Adeus, caro monsieur Proust, adeus!”. Ou Churchill, admirador de longa data de Laurence Oliver, que numa noite, ao ir assisti-lo no teatro, invade por engano seu camarim, apressado, pensando que era o banheiro. Ou ainda Leonard Cohen que, às três da manhã, chegando no Chelsea Hotel segura a porta do elevador para uma moça de cabelos indomáveis que vem logo atrás. Era Janis Joplin. Cohen pergunta se ela está procurando alguém e Joplin responde que sim, está a procura de Kris Kristofferson. “Garotinha”, diz Cohen, “você está com sorte. Eu sou Kris Kristofferson” (paro aqui para evitar spoilers). Entre outras tantas inusitadas, obscuras, emocionantes e hilárias histórias que valem a leitura. E, já que estamos falando em encontros inusitados, Brown, obsessivamente genial, e sua obra parecem fazer coro com Vinícius que, na minha cabeça, ecoa desde o início: “a vida não é brincadeira, amigo, a vida é a arte do encontro”. Saravá!



# É (como se fosse) sua!

Mariana Lütz Biazi

O Brasil está de olho no Oscar. Da lista de indicados aos indicados ao grande prêmio do cinema, a produção brasileira “Que horas ela volta?”, dirigido por Anna Muylaert e brilhantemente protagonizado por Regina Casé, saiu em primeiro lugar. Assim, nomeado para concorrer ao prêmio de melhor filme estrangeiro, “The second mother”, como ficou conhecido no exterior, vem dando o seu recado: está a fim de trazer a estatueta para casa e, assim, quebrar nosso jejum.

Val (Regina Casé) desce do norte em busca de melhores condições de vida na cidade grande. Em São Paulo há treze anos, a pernambucana se orgulha de poder cumprir com o prometido de enviar dinheiro à família, mas, ao mesmo tempo, sofre com a culpa de ter deixado Jéssica (Camila Márdila), sua única filha. A relação entre elas, distante e conturbada, é posta à prova quando Jéssica, atrás do sonho de cursar arquitetura, resolve também ir para a capital paulista. Mãe e filha são duas estranhas que se (re)conhecem com um abraço no aeroporto que parece, nesse momento, se transformar em uma maternidade de onde a mãe, eufórica, sai com sua filha nos braços.

Quando chegam, finalmente, em casa é que a história passa a acontecer. Em casa é na casa dos patrões de Val, onde ela tem o seu quatinho e Jéssica, agora, tem um colchão. Cheio de caixas empilhadas, Val as abre e mostra com alegria à filha os eletrodomésticos que vem comprando para quando puder ter o seu próprio lar. Conformada e, de certa forma, feliz com a vida que leva há tantos anos, a empregada doméstica não entende como a filha pode ser tão ambiciosa a ponto de não se alegrar com aquilo tudo. Não falo daquilo tudo de coisas que



Val comprou com o suor do seu trabalho, mas, sim, daquilo tudo de coisas que o quartinho da empregada-que-é-como-se-foosse-da-família representa. E, assim, a delação está feita: como se fosse significa que não é.

Muylaert acerta a mão ao temperar o drama com pitadas de humor e prova que sensibilidade, na sétima arte, é muito mais importante do que um orçamento milionário e efeitos especiais. Isso, porque os efeitos mais importantes são aqueles que a história provoca em nós e se tem algo que o “Que horas ela volta?” sabe fazer bem é provocar. O retrato da sociedade em que vivemos nos é apresentado de forma tão leal e tão sutilmente cruel que é impossível sair ileso do cinema. Ninguém escapa de levar um, dois ou dez socos no estômago durante a exibição e isso acontece porque Jéssica chega para revelar o poder do não dito e das regras jamais impostas que se encarrega do invisível peso que historicamente é carregado por Vals enquanto são convenientemente tratadas como “pessoas da família”. Até a hora que aquilo que é conveniente vai, junto com a água da piscina, pelo ralo.

Dona Bárbara (Karine Teles), a patroa, quando sabe que Jéssica vai fazer vestibular, murmura: “é, esse país está mudando mesmo”. Sei não, dona Bárbara. Penso que esse país só vai mudar quando ficar da porta da cozinha para trás for uma escolha e não uma imposição, afinal de contas, o lugar de Val e Jéssica é onde Val e Jéssica quiserem estar e não onde a senhora quer que elas estejam.



# Brincar de viver

Marilise Brockstedt Lech

“Você verá ...que a emoção começa agora... Agora é brincar de viver...” (Guilherme Arantes).

Embora a capacidade de brincar deva acompanhar o ser humano pela vida toda, é na infância que ela assume seu caráter de imprescindibilidade e que prepara as pessoas para enfrentarem a vida com mais espontaneidade e humor.

Em uma época em que a tecnologia, a competição e o consumismo podem estar roubando o valioso espaço das brincadeiras espontâneas, simbólicas e construtivas, vem à tona a antiga afirmação de Claparède (1946) que nos lembra: “nada mais sério do que uma criança brincando”.

Além de permitir o pleno exercício dos aspectos relacionais, a atividade lúdica é o berço das atividades intelectuais e criativas. Pensando nisso, a médica e educadora italiana Maria Montessori (1960) criou os jogos sensoriais destinados a estimular cada um dos sentidos humanos e, conseqüentemente, a sensibilidade humana.

Para a criança, o exercício do brincar favorece a autonomia do pensamento e lhe dá a liberdade de escolha, capacidade essa, limitada, na maior parte do tempo em sua vida real. Na brincadeira ela pode “ser” quem ela quiser, “ir” para onde quiser e recriar o mundo à sua maneira. Da mesma forma o ato de ouvir e ler histórias possibilita, à criança, a imaginação dos cenários e personagens ao seu modo, despertando nela a mesma



sensação de liberdade que caracteriza o brincar.

O ato de brincar deve caracterizar-se, acima de tudo, pelo prazer e pela espontaneidade e pode ser incrementado com o uso de objetos como os brinquedos em geral, construídos para tal finalidade, bem como por objetos do dia a dia que, com criatividade, transformam-se em objetos de seus desejos como em um passe de mágica.

Segundo o educador suíço Jean Piaget, quando a criança brinca, ela assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade e, assim, sua interação com o objeto não depende somente da natureza do objeto, mas da função que ela lhe atribui. Desta forma, a alegria do brincar favorece ainda a autoria do pensar.

O brincar e o brinquedo participam, juntos, da estruturação do eu e da aprendizagem da própria vida, favorecendo o desenvolvimento dos processos psicológicos, a inserção social e cultural. Nesse sentido, o brinquedo aparece como suporte para a brincadeira, proporcionando o estabelecimento de relações entre os objetos do mundo real, cultural, imaginário e espiritual.

Enfim, a saúde física, emocional e intelectual das crianças e também dos jovens, adultos e idosos depende muito da capacidade de brincar, de expressar-se livremente, de não ter medo de errar e, principalmente, de ter prazer por aquilo que se faz.

Conclamo a todos para brincarem juntos, pois viver é uma brincadeira que, apesar de “séria”, é indispensável para a felicidade humana. Mais humor e amor, por favor.



# Se toca!

Alessandra Zanatta

Você se conhece bem? Você se toca? Sabe quando e onde seu corpo precisa de cuidados?

No mês de outubro a campanha do outubro rosa nos chama a atenção para o câncer de mama, doença que mata um número alarmante de mulheres todo o ano ao redor do mundo. Apesar de palestras, camisetas e propagandas, estatísticas informam que 14.388 ([inca.gov.br](http://inca.gov.br)) mulheres irão morrer de câncer de mama. Assustador não é mesmo?

O câncer de mama é a maior causa de morte por câncer nas mulheres em todo o mundo!

O Instituto Nacional do Câncer (INCA) estima que entre 2014 e 2015, sejam diagnosticados 57.120 novos casos de câncer de mama no país, sem considerar os tumores de pele não melanoma. O câncer de mama é o tipo mais frequente nas mulheres das regiões Sudeste (71,18/ 100 mil), Sul (70,98/ 100 mil), Centro-Oeste (51,30/ 100 mil) e Nordeste (36,74/ 100 mil).

Fazer o autoexame não significa simplesmente se tocar, é uma questão de tanto a mulher se conhecer quanto cuidar da saúde. É se amar!

Ainda, segundo orientações de profissionais da saúde, o autoexame é muito simples. Três são os passos principais para realizar o autoexame: fazer observação em frente ao espelho, palpar a mama de pé e repetir a palpação deitada.



É importante que o autoexame seja feito todo o mês, 3 a 5 dias após a menstruação para aquelas que ainda não entraram na menopausa. No meu entender todas as mulheres devem fazer, independentemente de idade, o exame é uma forma de autocuidado. Importante não esquecer que é necessário o acompanhamento médico e a mamografia na idade indicada para cada paciente.

Quanto à mamografia, preciso repetir o que já disse no rádio e na TV: a mamografia não dói! Gente, é sério! É desconfortável sim, não posso negar. O que não se pode admitir é que mulheres, cujos corpos foram “projetados” para suportar as dores do parto (!) deixem de fazer este exame por medo ou desconforto. Por favor, minhas amigas!

Os tratamentos para o câncer de mama são eficientes em grande parte dos casos, porém, para o prognóstico ser favorável é necessário que a doença seja descoberta no começo e a mamografia é uma das melhores formas de diagnosticar, e muitas vezes confirmar, precocemente, o câncer de mama. Um exame mais do que necessário!

Ouvi outro dia que estamos falando muito de câncer de mama, que a TV, o rádio e o jornal só falam disso. Parece engraçado que não se cansa de falar de dinheiro e sexo, mas quando se vai falar de seios, relacionando-os à saúde das mulheres (no único mês do ano dedicado a isso!), as pessoas se incomodam, mas quem sou eu para julgar (kkk)... No ano que vem tem outubro rosa de novo e com toda a certeza vamos, mais uma vez, falar desta campanha em todos os meios de comunicação, e assim nos anos subsequentes, porque independentemente de aparentes “incômodos”, se salvarmos ao menos uma mulher em casa outubro rosa, tudo isso terá valido a pena!

Amiga, faça de todo o seu ano rosa, se toque! Se cuide!





E amigos, nunca deixem de se cuidar também, pois o câncer de mama também pode fazê-los de vítima!



# Esperança

Monique Maciel Schmitz

Esperança. Palavra simples, mas de grande significado.

Quem de nós nunca foi tomado pela esperança? De que sonhos se realizassem, de que pudéssemos conquistar nossas pretensões, de que aquilo que parecia perdido pudesse ser salvaguardado.

Imagino que pelo menos uma destas situações foi vivenciada, em algum momento da vida.

Penso que assim como é impossível movimentar uma frota de automóveis sem combustível, também é impossível imaginar o ser humano vivendo sem esperança. A esperança é o combustível da alma.

Somos dirigidos pela esperança, pela perspectiva que no futuro será melhor, que se o dia foi ruim ou não saiu como desejávamos ao nos deitar, dormimos com a esperança de um novo amanhã de um dia melhor.

Sem a esperança tudo para; tudo fica congelado, como um dia sem o amanhã. A esperança nos faz pensar no próximo minuto da vida, no próximo passo, na próxima oportunidade, na próxima estação. A esperança é uma inspiração para nossos dias, ela guia nossos sonhos.

Pensando nisso, lembro-me do drama vivido pelo ex-piloto Michael Schumacher, que fez do risco das corridas automobilísticas sua profissão, mas que, no dia 29 de dezembro de



2013, num momento de lazer, sofreu gravíssimo acidente enquanto esquiava, deixando-o entre a vida e a morte.

Sim, as últimas notícias da imprensa dão conta do seu crítico estado de saúde e da interminável esperança de sua família, embora sejam veiculadas notícias afirmando se tratar de quadro irreversível, não havendo grandes chances de melhora.

Porém, a família mantém acesa a fé.

E tal fé é inabalável, embora as perspectivas pareçam mínimas ou inexistentes. Mas como sempre há uma luz no fim do túnel, e eu acredito fielmente que milagres podem acontecer, torço para que o ídolo da Fórmula 1 possa se recuperar e viver dignamente.

Diante desse exemplo e de outros que nos possam ser próximos, devemos manter a força, que nos impulsiona a lutar, a alcançar a superação e a construir dias melhores. Afinal, há sempre uma última esperança, que pode certamente surpreender e trazer mais confiança e alegria para os nossos dias.



# Tragam de volta o Natal!

Sônia Maria Ferreira Loguercio

Era ainda setembro quando, ao caminhar pelo centro da cidade, vi uma vitrine totalmente decorada para o Natal. Pensei comigo, já não basta o tempo ser, por si só, tão célere ainda o queremos acelerar. Lembrei de uma conversa com meu primo Jarbas e de seu louco raciocínio de que, se um avião leva um tempo  $x$  para percorrer uma distância a uma velocidade  $y$ , se dobrarmos  $y$ , teremos a metade de  $x$ . Conclusão do meu louco favorito: chegará o momento em que se conseguirá dobrar tantas vezes a velocidade que o avião chegará ao destino antes de decolar. Acho que é o princípio da máquina do tempo do Doc Brown do filme “De volta para o futuro”. Fiquei pensando que o mesmo está acontecendo com o Natal, pois nem bem vivemos um e o outro já está chegando.

Lembro os natais da minha infância e da expectativa que vivíamos por sua chegada. No início de dezembro meu pai chegava com o pinheiro natural que vinha plantado em uma lata grande como essas de tinta que era forrada com um papel decorado com motivos natalinos e nós ajudávamos a mãe a enfeitá-la com muito cuidado, pois as bolinhas eram de um vidro muito delicado. Espetávamos nossos dedos nas pontas para colocar nos galhos pequenos chumaços de algodão como a imitar flocos de neve. Quando tudo estava devidamente arrumado, o pai colocava a ponteira no alto do pinheiro. Algumas ponteiras eram douradas, a nossa era de um vermelho vibrante. Colocava-se a coroa na porta da frente como a sinalizar que o Natal estava chegando e, por debaixo desta mesma porta, passavam



vários envelopes trazidos pelo carteiro todos os dias com mensagens natalinas de parentes e amigos distantes. Em dezembro chegava o Papai Noel das lojas Mazza e parecia que a cidade inteira enchia as ruas centrais para acenar ao bom velhinho que atirava balas para as crianças, o mesmo que vi anos mais tarde acontecer na Espanha quando da Cavalgada de Reis que as crianças chamavam “carameleros”. Naquele tempo parecia que o Natal demorava a chegar, tão grande era a nossa expectativa; hoje, parece que nem bem chegou, já se foi.

Sei bem que os tempos mudaram, mas quem acelera o tempo como se não houvesse amanhã somos nós mesmos. Temos uma ânsia tão grande de usufruir tudo que está ao nosso redor, que até o tempo estamos consumindo.

Nos Estados Unidos, que muitos dizem ser o templo do consumo, minha irmã Marge lá no estado de Wisconsin está preparando, desde o final do verão no hemisfério norte, doces, compotas e licores com as frutas de seu pomar. E seus filhos, já crescidos e com vida própria, comentam sobre a expectativa de poder saborear tudo aquilo nos feriados natalinos. Meu sobrinho Eduardo, que vive na Flórida, faz o mesmo com seus 5 filhos pequenos. As crianças preparam bolachas e cupcakes, enfeitam a casa com desenhos feitos por elas, vivem a expectativa da chegada de uma data especial e familiar. Ganham presentes, também. Quem não gosta de ganhar um presente? Mas o presente não é fim, é consequência de tudo o que foi feito para que aquela noite fosse, verdadeiramente, uma noite feliz.

Então, senhores do tempo, tragam de volta o Natal! Aquele que chega devagarinho, que me permite enfeitar minha casa com calma, com aquela mesma árvore que está conosco há anos e na qual penduramos vários enfeites que nos remetem a momentos e a amigos muito especiais. Que eu possa distribuir pela



casa as velas e os bonecos que gosto, colocar as meias na lareira, pois foi um costume que trouxe de outras terras, colocar pilhas novas naquele boneco de neve para que quando falarmos um pouco mais alto ele grite: “Ho!Ho!Ho! Merry Christmas!” E, quando sentarmos à mesa na noite do dia 24, sentiremos, com certeza, no coração, o calor da amizade de todos aqueles que tocaram nossas vidas de um modo especial. E vamos poder brindar e dizer: Feliz Natal!



## Seria tão mais simples...

Marilise Brockstedt Lech

Sim, algumas pessoas se dedicam à arte de complicar...

A vida poderia ser tão mais simples se não largássemos “bombas” intencionais por aí e se fizéssemos a manutenção das nossas “barragens”. Seria tão mais simples se, simplesmente, usássemos o que aprendemos e fizéssemos o que sabemos que precisa ser feito para melhorar o mundo em que vivemos. E se tivéssemos mais conhecimentos, então? Ah, como enxergaríamos o mundo melhor, deixaríamos de dar opiniões inadequadas e seríamos menos preconceituosos...

Cada problema tem um contexto próprio e uma dimensão particular. A nossa comoção diante dos problemas que temos vivenciado ao redor do mundo depende do nosso grau de envolvimento com aquela determinada situação, o que se dá pela nossa cultura, pela nossa história, pelas experiências, pelos conhecimentos ou mesmo pelo grau do nosso afeto, revelado pela capacidade de empatia.

Querer comparar se foi mais triste a morte de 129 pessoas em Paris, na última sexta-feira, 13, ou de 210.000 na Síria desde o início da guerra civil, em 2011, ou de 58.000 pessoas assassinadas no Brasil, em 2014, pode ser inútil. É mais triste a malvadeza da guerra ou a irresponsabilidade de alguns empresários e de muitos políticos? O tráfico de drogas ou a gravidez não planejada que dissemina crianças mal-cuidadas e mal-amadas pelo mundo afora e que, possivelmente, em um futuro bem próximo, farão os números citados aumentarem?



Estamos muito cheios de ou, ou, ou, e esquecemos que a tudo isso cabe um e, e, e... Portanto, nenhuma comparação pode ser realmente válida, e o fosfato que queimamos discutindo sobre isso poderia ser usado para colocarmos ideias de bem fazer e de fazer o bem, em prática, não é mesmo? Seria tão mais simples...

Estamos cheios de gente fazendo análises superficiais e procurando culpados para cada um desses problemas e esquecemos que, na verdade, nós somos o micro que compõe este macrosistema, o qual tem andado bem desajustado e que, se nós não mudarmos os nossos comportamentos, o mundo não mudará também.

A vida seria tão mais simples se, de uma vez por todas, assumíssemos que a felicidade pode estar entranhada nas atitudes sensatas, em fazer as coisas adequadas, no reconhecimento do valor das coisas que não têm preço, em fazer as pessoas que amamos mais felizes, em realizar sonhos, em vez de tentarmos destruir aqueles que não fazem a nossa felicidade ou que não se comportam da maneira como gostaríamos. Quem de vocês, leitores, poderia dizer isso para os terroristas e mal-amados que andam por aí? Ô povinho egoísta, essa tal de humanidade. A maioria que a compõe está mais preocupada em encher os seus bolsos de dinheiro e manter o coração com rancores e maldade do que em investir em paz na consciência e em olhares mais humanos e altruístas.

Sem querer finalizar esta crônica simples, escrita com palavras simples para que seja bem compreendida, e sem querer fazer pregação, eu diria ainda: não mate, não roube, não traia, não minta, não trapaceie, não faça comparações, não seja preconceituoso, não opine sobre o que não sabe. Enfim, respeite. Tenha princípios. Quem tem princípios não precisa de regras.





A vida seria bem mais simples se pudéssemos ter menos regras e sermos mais espontâneos, agindo com mais coerência e consciência humana e, claro, mais amor. Simples, assim. Experimente.

A propósito, leia a Teoria da Complexidade, de Edgar Morin, e a Teoria Sistêmica, de Fritjof Capra. Assim você vai entender que a tal complexidade que eles descrevem faz mais referência à importância de nos percebermos como parte integrante desta teia que é a vida, na qual nossas ações afetam todos que estão à nossa volta e que durante todo tempo somos afetados por tudo e por todos, do que em dificultar a vida tornando-a mais complexa. Sim, compreender a complexidade simplifica a nossa vida.



# Um papo de mãe

Alessandra Zanatta

Isso mesmo! Um papo de mães, tias, dindas e mesmo de futuras mamães foi essa a pauta da conversa da última segunda-feira no programa Papo de Evas na Rádio Diário da Manhã AM.

Muitas mães, ao abraçar a maternidade, de imediato pensam no suporte que irão precisar para cuidar do serzinho que acabaram de gerar. Quando meus pequenos chegaram, eu estava longe da minha família, longe do colo que eu tinha certeza que iria precisar para começar esta caminhada no ser mãe. No início tive com quem contar, tive até meus pais por perto, mas só no começo mesmo, logo depois tive que “maternar” sem esse suporte.

Há mais de 20 anos quando passei por tudo isso pela primeira vez não se tinha uma relação com as mídias tão estreita como hoje, naquele tempo (me sentindo velha...) não se tinha hábito de consultar o Dr. Google para tirar dúvidas ou sanar curiosidades. Mesmo nessa situação de possibilidade de consultas e conteúdo à disposição, fiquei feliz em saber que muitas mamães hoje têm, em grupos formados, e possibilidade em mãos a possibilidade de tirar dúvidas, encontrar outras “marinheiras de primeira viagem”, que, certamente, se encontram com dúvidas parecidas. São curiosidades simples, na maioria das vezes, mas que precisam de respostas e quem melhor para responder se não as pessoas que estão passando pelo mesmo momento?



Lugares como o grupo do Facebook “Papó de Mãe”, criada pela jornalista Veronica Muccini, fazem a diferença na vida das mulheres-mamães. Espaços como esse, de diálogos, me fizeram muita falta... Muito bom que as meninas têm hoje estes espaços para conversar e também que os espaços sejam devidamente moderados pelos responsáveis, como no chat citado é sempre de praxe informar que existem regras de convívio: repassar sugestão de medicamentos e de chás, além de falar mal ou denegrir profissionais e instituições é proibido.

Apesar de ser uma mãe mais experiente, fui convidada logo no começo da criação para fazer parte deste papó de mãe. Confesso que fiquei impressionada. Primeiro com a quantidade de pessoas que participam, com a quantidade de dúvidas que as pessoas têm e com questionamentos que eu achava não existirem.

Falamos muito sobre as facilidades dos dias de hoje, mas sempre me pego pensando... Além de aguentar a trabalhadeira que dá para criar os filhos, cuidar, vigiar, a mãe dos dias atuais ainda precisa estudar, trabalhar e muitas vezes ainda cuidar da casa (seja financeira ou higienicamente)... Como é fantástico podermos apagar parte da trabalhadeira para termos mais daqueles momentos únicos!

Café da manhã em um dia tranquilo e olhar para os rostinhos daquelas figuras que são imagens de tudo o que conseguimos ensiná-los dizendo: Te amo muito, mãe!

Precisamos de mais do que importa...



## E se foi 2015...

Monique Maciel Schmitz

Estamos entrando nas últimas semanas do ano e começam as indagações de como foi 2015 e como será 2016.

Estes dias que antecedem o novo ano se tornam uma ótima oportunidade de avaliar como o seu 2015 foi vivido. Seus planos foram alcançados? Seus objetivos saíram conforme suas expectativas?

É difícil pensar no que se espera para o próximo ano, se o ano que está se encerrando está cheio de tudo o que foi vivido, trabalhado, sofrido, frustrado e perdido. Porém, é preciso tentar animar-se, reerguer-se, preparar-se, pois dentro de poucos dias ele estará aí... 2016, um ano a mais. E será preciso vivê-lo.

É tempo de retrospectivas não só de suas conquistas, mas também dos erros cometidos, das perdas dos ganhos. É tempo de planejar. O planejamento do novo ano é o primeiro passo para conquistar tudo o que desejamos.

Para mim, em 2015 muitas coisas boas aconteceram, me tornei uma Eva, conheci muitas pessoas legais, revi amigos de longa data, conheci novos lugares, realizei um sonho de adolescente, e minha família recebeu uma grande bênção e estamos finalizando 2015 com muita saúde, amor e união.

Estou fechando as portas de 2015 agradecendo tudo que vivi, porém na certeza que ele poderia ter sido melhor.

O fato é que, como dizia o poeta maior, Carlos Drum-



mond de Andrade, “Não precisa fazer lista de boas intenções para arquivá-las na gaveta. Não precisa chorar arrependido pelas besteiras consumadas nem parvamente acreditar que por decreto de esperança a partir de janeiro as coisas mudem e seja tudo claridade, recompensa, justiça entre os homens e as nações, liberdade com cheiro e gosto de pão matinal, direitos respeitados, começando pelo direito augusto de viver. Para ganhar um Ano Novo que mereça este nome, você, meu caro, tem de merecê-lo, tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil, mas tente, experimente, consciente. É dentro de você que o Ano Novo cochila e espera desde sempre.”

Pois então vamos lá. Sigo o poeta e penso: no lugar de esperar que aconteça, o que devo fazer para que o ano seja novo? O que em mim tem que nascer, renascer, ser recriado para que o ano tenha cheiro e gosto de manhã e não sabor murchado e dormido de anteontem?

É com o espírito de mudança e novos desafios que o ano de 2016 começa para todos. Neste novo ano, que todos tenham equilíbrio e serenidade para traçar suas metas e concluir seus objetivos.



# Festas no outro mundo

Sônia Maria Ferreira Loguercio

Recebi a notícia da morte do tio Antonio Júlio enquanto lia sobre o novo livro do Boni, aquele famoso homem de televisão. A morte do tio, mesmo que não de sangue, mas emprestado por casamento, me trouxe boas lembranças das últimas vezes em que estivemos juntos, e o livro do Boni, com seu título “A turma do outro mundo”, me fez imaginar como deve ser esta época do ano para aqueles que já passaram ao outro lado.

Minha amiga Marilise me disse que “a idade não vem sozinha”. Enquanto crescemos em idade e tamanho, vamos olhando para cima, para os maiores que são nosso apoio e referência. Após algum tempo, vamos olhando para baixo, para os que nos sucedem, pois é neles que encontramos razão e esperança.

Dois fatos que me marcaram no enterro de minha avó, anos atrás, foram, em primeiro, estar num bar durante a madrugada com meu irmão e meus primos, ou seja, todos os netos da defunta, rindo e contando histórias e, em segundo, ouvir de uma de minhas tias: “nós somos os próximos”.

A vida é uma pirâmide e, ao menos na ordem natural das coisas, a geração mais velha parte primeiro. Já diz o velho ditado: “há duas certezas na vida...nascer e morrer”. Sobre nenhuma das duas temos qualquer ascendência.

E uma das coisas que nos acontece ao envelhecermos é que vamos percebendo que muitos de nossos amigos, muitos daqueles que foram parte importante de nossa história pessoal,



já não estão mais aqui. Agora que tenho andado bastante por casas de idosos, sinto que, talvez, o pior da velhice seja perder os parceiros, os companheiros, os amigos que testemunharam o que vivemos.

Por isso me vi pensando na turma do outro mundo. Se as festas acontecem por lá, meu tio Pobrezinho deve estar assando um leitão “à bairrada” e inventando coisas para minha vó, a velha Florinda, fazer. Meu tio Caneco deve estar fumando feito louco, visto que a doença não pode mais atingir seus pulmões. Meu amigo Jola, com certeza, está pescando, aproveitando os rios de águas limpas do paraíso. A Ana deve estar feliz e relaxada, aproveitando a ausência de estresse....vai ver que conheceu o Jair por lá, com aquela sua conversa tranquila de psiquiatra. Se há missas na eternidade, celebrando estão o Sérgio e o Roberto....ou o Monsenhor Damin....ou o padre Guerino....quem sabe o padre Ernesto que foi capelão no meu colégio. Bom, se houver missa, já tenho o que fazer por lá...vou animar as celebrações.

Meu tio Dico deve estar transmitindo na rádio do céu e, se houver futebol, pode ver o Fernandão jogando com Garrincha e outros tantos craques que já se foram.

Se houver baile, com certeza meu tio Antônio está tocando a gaita que, aqui, ficou conhecida como “a do falecido” mas, por lá, deve ser a “do ressurgido”. Meu avô Alcides com sua bombacha e botas deve estar tomando um chimarrão com o Xande e conversando sobre a Lapa. Pena que não devem encontrar por lá a erva-mate da família, a Legendária.

Despertei de meus devaneios com o som de um carro que cruzou pela rua, tocando em altos decibéis um funk horroroso. E vocês aí, meus amigos do lado de lá, ouvindo Vinícius, Tom, Elis, Pixinguinha, Cartola.....sem falar em Sinatra, B.B.King, John e George.....como diria Chico... “aí me dá uma inveja dessa



gente”...

Sigo sem saber se há ou não festas por aí, mas, caso haja, o som é, com certeza, “de outro mundo”.

Feliz Natal....para os de cá e para os de lá!





# Novos tempos

Lisete Lütz Biazi

Um dia um amigo falou: “estou atrasado, ainda tenho que ir à locadora escolher um filme para assistir no final de semana”. “Você ainda é do tempo da locadora?”, perguntei, me achando a sabichona. “Sim”, respondeu ele, “por quê? Já inventaram algo mais eficiente?”, perguntou interessado. “É claro que sim, agora tem a Apple TV! Um aparelho acoplado a sua TV e conectado à internet e você tem o filme que quiser, a hora que quiser, sem levantar do sofá, apenas acionando o controle remoto”. Meu amigo acabou com minha esperteza às gargalhadas: “você só sabe disso por que tem filhos jovens, duvido que nossa geração conheça estas tecnologias”. Concordei e ao mesmo tempo caía uma enorme ficha de que nos alimentamos das descobertas dos jovens, apesar de não abrir mão da ideia de que eles só têm acesso a tudo isso porque a nossa geração trabalhou muito para lhes proporcionar.

Alguns dias depois, me deparei com uma situação extremamente parecida: uma amiga, através de um e-mail, me contou que em Passo Fundo teria um evento chamado TED e que a cidade não estava dando a devida importância ao fato, pois estavam precisando de patrocínio para a realização, sendo que o mesmo acontece no mundo inteiro gratuitamente. “Ai ai ai! O que é TED afinal?”, perguntei a pessoa mais jovem e mais próxima de mim naquele momento. “Meu Deus!”, ela falou, “TED em Passo Fundo? Isto é maravilhoso!” E então aprendi que se trata de uma organização sem fins lucrativos, dedicada a “ideias que merecem ser compartilhadas”. Teve início na Califórnia, há



mais de 20 anos, como uma conferência e, desde então, o TED tem crescido para apoiar atitudes que mudam o mundo através de múltiplas iniciativas. Corri responder o e-mail de minha amiga e, é claro, fazer minha inscrição para o primeiro TED de Passo Fundo. Com isso quero, mais uma vez, enaltecer os jovens, pois, sim, acreditem, foram dois meninos de vinte e poucos anos que idealizaram e conseguiram concretizar a vinda do evento. Teatro Mucio de Castro lotado, tudo muito bem organizado e no palco se revezaram em conferências de 20 minutos arquitetos, professores, músicos, escritores, psicólogos, até uma monja budista com seus pensamentos futuristas, pessoas que vão mudar o mundo, pessoas que não dão ouvidos a baboseiras e que, acima de tudo, têm o olhar voltado para o futuro.

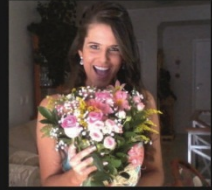
São os jovens que nos ensinam diariamente a fazer uma caminhada mais humana, com paisagens naturais – preservação da natureza – ou artificiais – intervenções urbanas –, mas sempre a passos largos para a frente. Com isso, quero dividir as minhas descobertas com vocês, pois tenho me deparado com muitas pessoas que têm reservas com os “malucos”, “tatuados” de “moletom canguru” ou têm preconceitos formados sobre eles. Talvez um deles seja o cara que pensou e está trabalhando em cima de uma ideia para acabar com a poluição nos oceanos, por exemplo.







Catálogo do Projeto Passo Fundo  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Mulheres pertencentes a distintas gerações uniram-se não apenas com o desejo de falar, de levantar questionamentos, de elaborar interpretações, de construir críticas em alto e bom som, de se apropriar de determinados posicionamentos construídos coletivamente, de fazerem suas vozes ecoar pelas ondas radiofônicas. Decidiram as Evas registrá-las em jornal. Não se pretende rotular esses escritos como uma determinada espécie literária ou não literária. Longe disso, sente-se, o que se pretendeu foi aproveitar instantes, registrar instantes, fazer críticas, repensar caminhos. Como declarou de forma singular Alcione Araújo, a vida é urgente. Homens e mulheres não podem perder nenhum instante para contribuir com suas observações, com suas críticas, inclusive e especialmente com sua mobilização em direção a mudanças. O instante não se repete. (Tania Rösing)